

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

DOUGLAS NEVES RICALDE

A CRÔNICA ESPORTIVA DE NELSON RODRIGUES

**PORTO ALEGRE
2007**

DOUGLAS NEVES RICALDE

A CRÔNICA ESPORTIVA DE NELSON RODRIGUES

**Trabalho de Conclusão de Curso
Para a formação no Curso de Graduação em Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Literatura Brasileira**

Orientador: Prof. Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino

**Porto Alegre
2007**

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Antônio Marcos Vieira Sanseverino, por aceitar de pronto me orientar, demonstrar entusiasmo desde o princípio pelo tema proposto, e pelos comentários e indicações ao longo da elaboração deste trabalho.

Aos Professores Daisi Vogel e Luís Augusto Fischer, por terem me enviado por e-mail suas dissertação de mestrado e tese de doutorado, respectivamente.

Aos Professores Homero José Vizeu Araújo e Luís Augusto Fischer (mais uma vez), por terem aceitado participar da banca examinadora.

Aos meus amigos, colegas e companheiros de arquibancada Flávio Bonfiglio e Rodrigo Aguiar, pelas discussões futebolísticas de sempre, e pelo sofrimento e alegria compartilhados a cada derrota e vitória, respectivamente, do nosso Inter. Ao Flávio, ainda, por ter me auxiliado com o inglês.

À Juliane Welter, por ser a maior e mais encantadora colorada que eu conheço, provando que mulher também gosta e entende de futebol.

A Charles Miller, por ter trazido o futebol para o Brasil.

Aos irmãos Henrique Poppe Leão, José Eduardo Poppe e Luís Madeira Poppe, por terem fundado o Sport Club Internacional, o clube do meu coração.

Ao Fernandão, meu ídolo maior e eterno, por ter feito tudo o que eu sempre sonhei em fazer.

Ao Rafael Sóbis, Clemer, Iarley, Índio, Abel Braga e Fernando Carvalho, por terem, junto com o Capitão, me proporcionado as maiores alegrias que um torcedor pode ter.

Ao Nelson Rodrigues, por ter expressado tão bem aquilo que representa o futebol.

Aos meus pais, por terem me proporcionado as condições básicas para seguir a vida acadêmica.

To say that these men paid their shillings to watch twenty-two hirelings kick a ball is merely to say that a violin is wood and catgut, that Hamlet is so much paper and ink. (J. B. Priestley, The Good Companions, 1928.)

Dizer que esses homens pagam seus shillings para observar 22 contratados chutarem uma bola é meramente dizer que um violino não passa de madeira e catgut, ou que Hamlet é apenas um amontoado de papel e tinta.¹

¹Traduzido por Flávio Bonfiglio, meu amigo, colega e companheiro de arquibancada. Além de professor de inglês nas horas vagas.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar algumas particularidades verificadas nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues que foram reunidas por Ruy Castro no livro *À sombra das chuteiras imortais*.

Dada a importância e a popularidade do futebol na sociedade brasileira, partimos de um breve histórico deste esporte no país, desde sua introdução em solo brasileiro por Charles Miller, passando por uma fase elitista e racista, até sua popularização e conseqüente apogeu. Depois, temos uma breve apresentação da relação que se estabelece entre a crônica esportiva e o leitor através do jornal, a partir da tríade autor-obra-público formulada por Antônio Cândido. Por fim, verificamos uma proposta de análise da visão rodrigueana sobre o futebol, que não se resumiria ao jogo e suas regras, ultrapassando, assim, o aspecto meramente formal deste esporte.

É uma tentativa de entender o fascínio que o futebol exerce sobre os brasileiros através da leitura de um cronista singular na literatura brasileira.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues – *À sombra das chuteiras imortais* – crônica – futebol brasileiro.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyse some particularities verified on Nelson Rodrigues's sport columns, gathered by Ruy Castro in the book *À sombra das chuteiras imortais*.

Given the importance and popularity of Football into Brazilian society, we start by a brief panorama of the sport in this country, since its introduction in Brazilian lands by Charles Muller, passing through an elitist and racist period, until its popularization and consequent acme. Later, we have a brief presentation of the established relationship between the sport column and the reader through the newspaper, from the author-work-public triad formulated by Antônio Cândido. In the end, we verify an analysis proposal from Rodrigues's view of Football, which would not limit itself to the game and its rules, going beyond the plain aspect of this sport.

It is an attempt to understand the fascination that Football wields over Brazilian people through the reading of a remarkable writer in Brazilian literature

Key-words - Nelson Rodrigues – *À sombra das chuteiras imortais* – sport column – Brazilian football.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL BRASILEIRO: DOS PRIMÓRDIOS AO APOGEU	11
2 NELSON, CRÔNICA, FUTEBOL	25
3 NEM SÓ DE FUTEBOL VIVEM AS CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES	31
3.1 A metafísica no futebol	32
3.2 O jogador excepcional	38
3.3 Identidade nacional	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
GLOSSÁRIO RODRIGUEANO	61

INTRODUÇÃO

Se me permitem uma analogia, o futebol cumpre a mesma função significativa do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino. É tão corriqueiro entreter-se com as coisas do futebol que, por vezes, isso parece natural. Em um país em que a rua é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das brincadeiras preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu. (DAMO, 2002. p. 11)

Este trabalho é fruto de uma dívida que eu tinha para comigo mesmo. Desde os sete anos de idade, quando entrei na Catedral² pela primeira vez, sou apaixonado pelo futebol e por tudo que o cerca. Assim como a maioria dos garotos nascidos neste país, meu sonho era ser jogador de futebol profissional quando crescesse. Sonho este que em poucos anos tornou-se frustração devido à falta de oportunidades para que se concretizasse. Deste modo, restou-me apenas o consolo de ir para as arquibancadas e torcer pelo meu time do coração, o Sport Club Internacional. Para amenizar um pouco essa frustração nada melhor do que ter o futebol, mesmo que indiretamente, como objeto de estudo.

Sempre li, ouvi e vi tudo que podia sobre o futebol e suas implicações. Contudo, o que realmente influenciou minha postura como torcedor e espectador de futebol foi um livro chamado *À sombra das chuteiras imortais*, de um tal Nelson Rodrigues, que caiu em minhas mãos por acaso ainda quando criança. Fiquei fascinado pela forma como o cronista descrevia as partidas, as jogadas, os craques. Nos jornais que eu lia não havia nada parecido, apenas analistas “entendidos” explicando que determinado jogador havia sido o responsável pela derrota do time por não ter cumprido a função pré-determinada pelo técnico, ou então porque o treinador errara na escalação, entrando em campo com três volantes e apenas um centroavante. E coisas do tipo. Enquanto Nelson Rodrigues descrevia em seus textos cada vitória da seleção ou do Fluminense como sendo uma conquista épica forjada por heróis de chuteiras ou por fenômenos sobrenaturais; ou, então, cada derrota do Flamengo como uma tragédia irreparável.

Anos mais tarde, nas aulas de literatura, descobri que o tal Nelson Rodrigues era um dos maiores dramaturgos brasileiros, senão o maior. Suas crônicas, no entanto, jamais foram citadas pelos professores de literatura em aula. Um erro crasso, a meu ver. Sempre me perguntei o porquê de

² Modo carinhoso que utilizo para me referir ao estádio Beira-Rio, casa do Sport Club Internacional e, por extensão, de todos os colorados.

tamanho descaso com suas crônicas. Seria pelo fato de a crônica ser um gênero predominantemente brasileiro e (talvez por isso) considerado menor? Ou quem sabe ainda por abordarem uma temática popular, falando sobre um esporte de massas, logo não interessante aos literatos? Nunca obtive resposta de meus professores de literatura, que sempre demonstraram menosprezo pela obra não teatral do Nelson³.

De fato, tive enormes dificuldades para encontrar obras em nível acadêmico que tratassem das crônicas esportivas do Nelson. O que é pouco compreensível se levarmos em conta o fato de o Brasil ser respeitado e admirado mundialmente pela força de seu futebol. Para meu espanto e alegria, recentemente alguns sociólogos e antropólogos têm se debruçado sobre questões referentes ao futebol, mas ainda são raros os que se propõem a fazer um estudo sobre este tema tão rico e apaixonante.

Encontrei apenas três estudos sobre a obra do Nelson cronista esportivo. E para meu espanto maior dois destes estudos foram feitos por mulheres, que são historicamente conhecidas por serem adversas ao futebol. O primeiro trabalho é uma dissertação de mestrado da professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Daisi Vogel, cujo foco é uma leitura do tempo e do espaço da crônica, tendo como referencial teórico as obras de Mikhail Bakhtin. O segundo, trata-se da dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, de José Carlos Marques, onde o autor analisa o “espaço barroco” nas crônicas rodrigueanas, tendo como principal referencial a obra de Severo Sarduy. O terceiro trabalho, trata-se da tese de doutorado pelo departamento de Sociologia da USP, onde a autora, Fátima M. R. Ferreira Antunes, analisa questões de identidade nacional nos textos de Nelson Rodrigues, Mario Filho e José Lins do Rego. Embora a consulta destes textos tenha sido de grande valia, não apresentam relações com o que pretendo tratar aqui, exceção feita ao estudo de Fátima Antunes.

Nelson Rodrigues produziu inúmeras crônicas esportivas ao longo de mais de vinte e cinco anos, escrevendo quase que diariamente para jornais e revistas, às vezes simultaneamente. Muitas destas crônicas permanecem ainda inéditas em livro. Ruy Castro foi responsável pela organização de dois livros: *À sombra das chuteiras imortais* e *A pátria em chuteiras*. O primeiro abarca o período mais consagrado do nosso futebol, que vai desde a derrota na Copa de 1950 até a conquista do tricampeonato em 1970, ou seja, o apogeu do futebol brasileiro. Já o segundo livro trata da decadência

³ Com exceção do professor Luís Augusto Fischer que dedicou sua tese de doutorado (*Inteligência com dor: Nelson Rodrigues ensaísta*) a um estudo sério da crônica do Nelson.

que se seguiu ao período das conquistas. No presente trabalho verificaremos apenas algumas crônicas que compõem *À sombra das chuteiras imortais*, por se tratar de um período demonstrativo do pior e do melhor momento do esporte brasileiro. Dentre as setenta crônicas que compõem este livro, para fins de análise, agrupei algumas destas em três blocos em que se verifica afinidade temática: metafísicas, heróicas e patriotas.

Este trabalho está dividido em três capítulos distintos, assim estruturados: “Breve histórico do futebol brasileiro: dos primórdios ao apogeu”, no qual é traçado um panorama geral das condições socioculturais e históricas em que este esporte foi implantado em território brasileiro, passando pela questão do racismo, as discussões entre escritores contrários ou favoráveis ao novo esporte, chegando à profissionalização e, posteriormente, ao ápice com as três conquistas e o fenômeno da popularização.

Em “Nelson, crônica, futebol”, passo a comentar brevemente a relação autor-obra-público com base na tríade proposta por Antônio Cândido, o surgimento da crônica esportiva no Brasil, alavancada pelos irmãos Rodrigues, a veiculação do texto no jornal como um produto da indústria cultural, e algumas particularidades do gênero crônica.

No último “Nem só de futebol vivem as crônicas de Nelson Rodrigues” passo à análise propriamente dita das crônicas selecionadas. No bloco das crônicas de temática metafísica temos o tópico “A metafísica no futebol”, onde procuro mostrar que Nelson não se deixa levar pela objetividade nua e crua pregada pelos cronistas atuais, mas que ele apega-se ao detalhe, à minúcia dos acontecimentos para explicar os rumos do jogo e o resultado final da partida. No bloco das crônicas de temática heróica, temos o tópico “O jogador excepcional” em que procuro identificar a ficcionalização dos personagens rodrigueanos que são elevados à categoria de reis, heróis, gênios, conferindo-lhes uma aura mitológica, quase divina. Por fim, no bloco das crônicas de temática patriota, temos o tópico “Identidade nacional”, onde Nelson exprime sua visão sobre o comportamento do brasileiro em função das vitórias e derrotas do esporte. O brasileiro seria o reflexo da sua seleção, demonstrando orgulho e patriotismo nas conquistas, e humildade e pessimismo nos fracassos.

Nas “Considerações finais” sintetizo as idéias expostas ao longo do presente trabalho, mostrando alguns dos fatores que fizeram com que o futebol fosse eleito pelo povo como paixão nacional, e em que medida Nelson se diferencia dos cronistas atuais.

1 BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL BRASILEIRO: DOS PRIMÓRDIOS AO APOGEU

Muita gente me pergunta: mas o que vai você fazer no futebol? Divertir-me, digo a alguns. Viver, digo a outros. E sofrer, diriam meus correligionários flamengos. Na verdade uma partida de futebol é mais alguma coisa que bater uma bola, que uma disputa de pontapés. Os espanhóis fizeram de suas touradas espécie de retrato psicológico de um povo. Ligaram-se com tanta alma, com tanto corpo aos espetáculos selvagens que com eles explicam mais a Espanha que com livros e livros de sociólogos. Os que falam de barbarismo em relação à matança de touros são os mesmos que falam de estupidez em relação a uma partida de futebol. E então, generalizam: é o momento da falta de espírito admirar-se com o que os homens fazem com os pés. Ironizam os que vão passar duas horas vendo bicicletas de um Leônidas, as tiradas de um Domingos. Para esta gente tudo isto não passa de uma degradação. No entanto há uma grandeza no futebol que escapa aos requintados. (REGO apud HOLLANDA, 2005, p. 422)

O futebol (juntamente com o samba e o carnaval) é, sem dúvida, um dos maiores produtos culturais do Brasil. Embora suas regras tenham sido formalizadas e trazidas da Inglaterra no final do século XIX, foi em solo brasileiro que este esporte atingiu o status de paixão nacional e tornou-se popular ao extremo. O futebol, no Brasil, é um poderoso instrumento de integração social. Através deste jogo, indivíduos de diferentes classes socioeconômicas transformam-se em iguais, mesmo que por poucas horas; torna-se possível o diálogo e a interação entre estranhos, levando-os às mais intensas demonstrações de afeto e respeito não só em estádios de futebol, mas também nas ruas, nas praias, nos bares, nos escritórios etc. Frequentemente vemos desconhecidos ou rivais políticos, religiosos, travando conversas informais e trocando abraços fraternos em virtude de torcerem pelo mesmo time de futebol (HELAL, 1997). Contudo, não foi sempre assim. Quando Charles Miller, filho de britânicos, retornou a São Paulo, em 1894, com uma bola debaixo do braço e portando o livro de regras do esporte bretão, apenas ingleses e seus descendentes, além de membros da aristocracia, em sua maioria universitários, tiveram o privilégio de praticar a mais nova forma de diversão da elite local. Negros – apesar de a escravidão ter sido abolida, no Brasil, em 1888 – e pobres eram proibidos de jogar e excluídos de qualquer outra forma de participação no *football*. Nesta época imperava o amadorismo, ou seja, o futebol era uma atividade cuja prática constituía um fim em si mesma; os jogadores não recebiam nenhuma espécie de remuneração, pois o que interessava era o divertimento e o amor ao esporte. Além do mais, sendo um jogo eminentemente aristocrático, cujos praticantes dispunham de privilegiada situação econômica e tempo livre, não havia a necessidade de obter-se vantagens pecuniárias com o

football. Também era comum a presença de mulheres nas arquibancadas. Estas iam prestigiar irmãos, primos ou namorados.

Os jogos eram um acontecimento social; os filhos da elite que praticavam a nova modalidade viam-na como um belo passatempo. As vestimentas dos atletas eram dignas de consideração. Um mais elegante que o outro. Na arquibancada via-se somente a nata da sociedade. Nada de gritos, berros ou xingamentos; o comportamento dos espectadores era exemplar, digno de lordes, gentlemen, damas e socialites. Depois do *match*, havia os bailes nas sedes dos clubes, ou na casa de torcedores ilustres – todos de “boa” família – para confraternização e comemoração da vitória. Tudo num ambiente bem familiar; participavam vencidos e vencedores. Apesar disso, outra característica do futebol nos seus primórdios em solo brasileiro era a pouca popularidade deste esporte, mesmo entre a elite, se comparado a outras modalidades esportivas:

Como o futebol podia competir com o remo? Os clubes de remo não precisavam se preocupar com as regatas. Os clubes de futebol, sim, é que precisavam se preocupar com as regatas. Tratando de saber, com antecedência, as datas das regatas. Para dar férias às suas torcidas, aos seus times (MARIO FILHO, 2003, p.48).

Além disso, os termos utilizados para fazer referência às coisas relacionadas ao *football* eram todos proferidos em língua inglesa, tais como: *goalkeeper*, *center-half*, *center-forward*, etc., quando se queria fazer referência às posições dos jogadores em campo, ou *referee*, *linesman*, *field*, quando se queria fazer referência ao árbitro, ao bandeirinha e ao campo de jogo, respectivamente. Este fato evidencia o caráter burguês deste esporte logo que foi implantado no Brasil; Santos lembra, ainda, que: “Até 1930, se um jogador se machucasse, o ofensor só pedia desculpas sinceras se fosse em inglês: *I’m sorry*” (1981, p.13). E assim permaneceu nas primeiras duas décadas do século XX.

O futebol, assim como a sociedade, possui regras explícitas e implícitas – o chamado *fair-play*, ou “jogo limpo”, que diz respeito ao bom senso dos praticantes – que precisam ser seguidas e respeitadas em sua plenitude para que o jogo transcorra normalmente. Introduzido pela elite em seus clubes e fábricas, o futebol era visto não só como forma de divertimento da burguesia local, mas também como um importante mecanismo disciplinador da massa trabalhadora, pois, segundo DaMatta,

“o jogo ajudava a disciplinar os corpos, esfriando as mentes e aplainando os corações, protegendo-os de ideologias subversivas e fazendo-os obedientes às suas regras” (2006, p.139).

Sendo o futebol um esporte oriundo da Inglaterra, praticado por ingleses radicados no Brasil e por membros da aristocracia local, proibido para negros e pobres – que constituíam a maioria da população brasileira – e tendo um caráter (embora não isolado) disciplinador não tardou para que surgissem críticos ferrenhos ao esporte. Entre as principais críticas ao incipiente esporte estavam justamente o seu uso como instrumento desagregador da unidade trabalhadora, o patético racismo de dirigentes e praticantes e o suposto imperialismo que feria o orgulho pátrio. Um dos críticos mais contumazes, para quem o *football* deveria ser extinto, banido dos trópicos, foi o escritor Lima Barreto, que chegou a fundar, na década de 1920, uma liga contra o futebol. Contudo, não obteve sucesso. O autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* era contra a prática do *football* no Brasil, dentre outros motivos, porque “o futebol – escreveu com raiva – é coisa inglesa ou nos chegou por intermédio dos arrogantes e rubicundos caixeiros dos bancos ingleses, ali, da Rua da Candelária e arredores, nos quais todos nós teimamos em ver lordes e pares do Reino Unido” (BARRETO apud SANTOS, 1981, p.28).

Considerando o fato de que Lima Barreto era filho de um operário mulato e, portanto, sentia na própria pele a discriminação racial e social, o desafeto de Coelho Neto tinha mesmo razões para ser contrário à prática do futebol em solo brasileiro. A principal delas era o seu patriotismo exacerbado que não tolerava, de forma alguma, o sotaque britânico dos gramados e das arquibancadas. O acirramento da rivalidade e das discussões constantes entre paulistas e cariocas que, segundo ele, feria a unidade nacional era mais um motivo para odiar o futebol, mas também a discriminação racial e social era um fortíssimo argumento. Desde a institucionalização do futebol no Brasil, passaram-se pelo menos cinco décadas para que os negros fossem plenamente aceitos e devidamente respeitados pelo seu talento nos gramados. Há casos isolados da participação de negros e mulatos em times de futebol brasileiros já na década de 1910, como o do mulato Dorval no Internacional – clube que, ainda hoje, é conhecido como “Clube do Povo” devido à participação contínua de pobres e negros em suas equipes em seguida à sua fundação –, mas em geral os negros ficavam à margem da prática futebolística, sobretudo nas equipes de maior prestígio do eixo RJ-SP.

No período em que o escritor suburbano fundou a liga contra o futebol, alguns jogadores de origem afro-brasileira almejavam espaço e reconhecimento no cenário esportivo nacional, mas sofriam forte resistência de dirigentes, praticantes e amantes do nobre esporte bretão. Os mulatos bons de bola

até podiam jogar, mas precisavam disfarçar a cor. O período compreendido entre as décadas de 1910 e 1930 talvez seja o mais turbulento da história do futebol brasileiro e, também, o mais controverso no que diz respeito a querelas raciais.

Em Porto Alegre, por exemplo, até meados dos anos 30, embora o Internacional não proibisse a presença de jogadores negros em sua equipe, não havia a presença deles em profusão nos outros times oficiais de prestígio, apenas casos isolados como os de Dorval, Dirceu Alves, Tupã e Darci Encarnação. Já o rival Grêmio não admitia, sob nenhuma hipótese, a presença de pobres, negros e mulatos em seu *team*. Isto fez com que os negros porto-alegrenses, por volta de 1912, se reunissem em várias equipes, fundando a Liga dos Canelas Pretas⁴, campeonato disputado concomitantemente à liga oficial da qual faziam parte os prestigiados Inter e Grêmio.

Em São Paulo, o mulato Friedenreich, filho de um alemão com uma crioula, dava seus primeiros chutes já em 1910. Foi aceito nos clubes da elite paulista pelo fato de ter sangue alemão correndo em suas veias e também por ser um exímio fazedor de gols. Ainda assim, era visto com desconfiança pela aristocracia. Foi autor do gol do primeiro título sul-americano conquistado pelo Brasil frente ao Uruguai em 1919. Apesar do talento descomunal de El Tigre, como ficou conhecido o artilheiro, em 1921, por influência do presidente Eptácio Pessoa, iniciou-se uma discussão para decidir se negros e mulatos seriam ou não convocados para representar o selecionado brasileiro em mais um certame sul-americano. Este fato foi a gota d'água para que Barreto definitivamente odiasse o futebol.

Em 1923, no Rio de Janeiro, o Vasco da Gama, clube de origem lusitana, com um time formado predominantemente por operários, negros e mulatos, sagrou-se campeão carioca. Era o embrião de uma revolução no cenário esportivo nacional. Os clubes da elite, aterrorizados com a situação e dando-se conta do que aquilo representava, reuniram-se e baniram o Vasco da primeira divisão, fundando outra liga de cunho oficial. O Vasco deveria expulsar os pobres e os negros do seu time caso pretendesse participar da primeira divisão. Entretanto, optou por disputar, paralelamente a esta, o antigo campeonato, não aceitando as condições impostas para a sua inclusão na nova liga. Lima Barreto morrera um ano antes deste episódio, mas se estivesse vivo certamente repudiaria ainda mais o esporte bretão e, provavelmente, ficaria orgulhoso do Vasco da Gama.

⁴ DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 90.

O célebre escritor e os adeptos de seus ideais, no entanto, não poderiam imaginar que anos mais tarde o *football* sofreria uma enorme popularização e tornar-se-ia o esporte mais difundido não só no Brasil, mas também no mundo inteiro, além de eternizar dezenas de jogadores negros como símbolos nacionais merecedores de reverência de norte a sul e de leste a oeste do país. Lima Barreto e os demais críticos do *bolapé* ou *ludopédio* – como estes preferiam chamar o futebol –, a meu ver, incorreram no erro crasso de atribuir ao jogo de bola defeitos morais, por assim dizer, intrínsecos aos seus dirigentes e praticantes que mantinham o monopólio da atividade futebolística. Ainda hoje, o futebol sofre restrições por parte de alguns intelectuais – por razões diametralmente opostas às existentes na década de 1920, evidentemente – que, freqüentemente, o acusam de estar a serviço de interesses escusos, sendo, assim, “alienação da massa”, “ópio do povo”, “distração de pobre e analfabeto”, “apenas vinte e dois marmanjos correndo atrás de uma bola”. Tais acusações, todavia, são em geral infundadas e preconceituosas e, provavelmente, seriam assim retrucadas por Nelson Rodrigues:

Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: - a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. E o lindo, o sublime [...] é que, atrás dela, há o homem brasileiro com o seu peito largo, lustroso, homérico (1993, p. 104).

Muitos clubes surgiram a partir dos primeiros anos do século XX. Clubes de elite, em sua maioria, como o Germânia e o Mackenzie (já extintos), como o Fluminense, no Rio de Janeiro, e o Grêmio, em Porto Alegre (clubes centenários e em plena atividade), por exemplo, onde só ingleses, alemães (no caso do Grêmio) e os filhos da elite brasileira podiam entrar, mas também havia clubes de fábrica, como o Bangu, no Rio de Janeiro, onde operários bons de bola ligados à fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial do Brasil foram sendo aceitos em pouco tempo. Estes clubes, sejam de elite ou de fábrica, participavam dos campeonatos oficiais. Em torno destes clubes é que se concentravam os torcedores, mas aos poucos o futebol foi perdendo seu caráter aristocrático inicial e sofrendo uma lenta e gradual popularização.

O futebol, enquanto atividade física, é extremamente democrático. Qualquer pessoa que goze de boa saúde está apta a praticar este esporte, independentemente de ser alto ou baixo, gordo ou magro, ágil ou lento. Da mesma forma, o local onde pode ser praticado oferece variadas opções aos seus

adeptos que vão desde um campo oficial, passando por terrenos baldios, até a rua de casa. O equipamento básico para a prática do jogo consiste em uma camiseta, um calção, um par de meias, um par de calçados e uma bola. Mais simples impossível. Classe social, raça e etnia não são problemas. O problema sempre foi o preconceito e a discriminação por parte da elite brasileira. Sendo assim, não podendo jogar nos clubes da elite, nada impedia que pobres e negros praticassem o futebol longe das instituições oficiais e de prestígio. Qualquer lugar e qualquer bola de meia que fosse servia para que a molecada se divertisse. E eles foram tomando gosto pela coisa.

Assim surgiram as peladas e os times de várzea. Estes times ficam à margem das competições oficiais, em geral não possuem sede nem estádio próprios. Os campeonatos dos quais participam não são organizados por federações e não há a obrigatoriedade de árbitros e auxiliares para mediar as disputas. Os próprios jogadores se encarregam de estabelecer as regras a serem seguidas. Cria-se, assim, um código próprio de fidelidade, respeito, solidariedade, cumplicidade entre os peladeiros. Os campos onde são disputadas as partidas são em geral esburacados, sem grama e com pequenos cocurutos. Isto dificulta a prática e o desenvolvimento do jogo, mas, ao mesmo tempo, estimula a criatividade, o equilíbrio corporal e o domínio da bola. Os crioulos, relegados pelos clubes oficiais, foram talhados na várzea e adquiriram uma capacidade singular no trato com a bola. Se em condições precárias eram capazes de dribles e jogadas desconcertantes, imaginem o que não fariam em um campo apropriado ao jogo de bola.

Em pouco tempo, os clubes, inclusive os originariamente racistas, não viram outra alternativa e foram cedendo e, frente à superioridade técnica dos jogadores socialmente desfavorecidos, viram-se obrigados a abrirem as portas para pobres e negros. Após o famoso caso do jogador Carlos Alberto do Fluminense, que, sendo mulato, precisava usar pó-de-arroz no corpo para disfarçar sua cor em meio aos atletas brancos do time das Laranjeiras – o que, certa vez, causou-lhe constrangimento ao ser descoberto pela torcida adversária⁵ e rendeu ao Fluminense o apelido de “pó-de-arroz” que o clube conserva até hoje (SANTOS, 1981) –, muita coisa mudou. Alguns jogadores – aqueles que se destacavam mais – passaram a receber uma pequena remuneração dos clubes onde jogavam, o que ficou conhecido como “profissionalismo marrom” (HELAL, 1997). Os pobres e os negros passaram a ter vez no futebol e nos times de maior prestígio. Dessa forma, as camadas inferiores passaram a

⁵ Este episódio ocorreu em 1912. O adversário era o América-RJ, clube em que Carlos Alberto jogara antes de se transferir para o Fluminense. Sendo assim, a torcida americana, sabedora da origem mestiça do jogador, não poupou seu ex-atleta e aproveitou para tripudiar sobre o rival.

encarar o futebol não só como um divertimento, mas também como uma possibilidade de ascensão socioeconômica, como destaca Rosenfeld:

Evidenciou-se que nas camadas inferiores, entre os negros, mulatos e brancos pobres, havia um grande número de jogadores de primeira classe, seja porque os ajudava um talento natural, seja porque a “sucção da subida” e o redemoinho das chances do futebol os envolvia e canalizava, seja porque eles, que não eram estudantes de medicina ou direito e freqüentemente não tinham uma profissão, podiam lançar toda a sua paixão no jogo; em suma, porque levavam o jogo a sério e “não tinham nada a perder”. Muitos homens de cor, de antemão desencorajados pela dificuldade da ascensão, tornados interiormente incapazes de enfrentar as exigências da vida, viram sua hora chegar. Daí a seriedade com que jogavam, com que punham tudo no jogo: este tornou-se, como a embriaguez do álcool e da dança, um caminho de fuga, certamente um caminho que parecia ir para cima. [...] Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação. De repente o próprio jogo tornou-se para eles um trabalho [...] (1993, pp. 84-85).

Concomitantemente à mudança de cor, ou melhor, ao acréscimo de cor nos times brasileiros, as arquibancadas dos estádios também sofreram modificações de ordem socioeconômica. Passou-se a cobrar ingresso dos espectadores e abriu-se espaço para as demais camadas sociais além da aristocracia. A geral, como é popularmente conhecida a arquibancada em que o ingresso custa mais barato, passou a ter a presença assídua da massa operária, antes excluída dos eventos esportivos. Essas mudanças ocorridas de modo lento e gradual culminaram com o fim do espírito amador no Brasil e em 1933 passou-se oficialmente do sistema amador para o sistema profissional. Este consistia basicamente na participação irrestrita de jogadores de qualquer raça, credo, classe social ou ideologia política mediante uma remuneração regular. Como consequência destes fatores, houve o afastamento de membros da elite, sobretudo das mulheres, dos clubes e campos de futebol e a desvalorização do futebol por parte dos mesmos, que aderiram a outras modalidades. O que houve, na verdade, foi uma luta de classes da qual saíram vencedores os trabalhadores, pobres e negros que “havia arrancado às camadas superiores um privilégio” (ROSENFELD, 1993). Enfim, o futebol – com o termo já transplantado para o português – atingiu um alto grau de popularização e tornou-se o esporte nacional.

Há algumas diferenças entre o sistema amador e o sistema profissional que merecem destaque. Durante o amadorismo, o futebol era um esporte pouco difundido, logo pouco popular. Era excludente, racista e afetado, seja no vocabulário, seja no vestuário. O jogo de bola era apenas mais uma forma de

diversão da elite; brinquedo de burguês. Os atletas eram membros dos clubes onde jogavam e o faziam por puro amor ao desporto; não havia nenhuma espécie de vínculo empregatício nem remuneração. O público que freqüentava os estádios era exatamente o mesmo que ia à igreja aos domingos, ao clube e às festas da alta sociedade. A presença feminina era constante nos estádios. Não havia nenhuma espécie de preocupação com questões psicológicas, fisiológicas, táticas, nutricionais e muito menos havia pressão exacerbada por resultados dentro de campo. O importante era competir, ou melhor, divertir-se.

Já com o advento do profissionalismo, o futebol tomou novos rumos. O principal deles foi a enorme popularização e adesão da massa. Nos anos de 1930, a imprensa, que nem sequer mencionava a existência da nova modalidade esportiva, passou a ceder um espaço considerável ao futebol e a acompanhá-lo amplamente. A partir da década de 1990, inclusive, a cobertura das partidas de futebol e dos acontecimentos dos bastidores dos clubes pelos meios de comunicação (rádio, jornal, televisão e internet) chega a níveis próximos do absurdo. É inimaginável o tempo que se dedica às questões futebolísticas desde meados do século XX, se levarmos em consideração o etos amadorístico. Os atletas passaram a ter vínculo empregatício com seus clubes, embora não tivessem acesso ao quadro social dos mesmos. Sendo empregado da instituição, o jogador passou a se dedicar exclusivamente aos jogos e torneios, enfrentando uma carga diária de treinos que, com o passar dos anos, foram ficando cada vez mais pesados. Com o avanço da tecnologia, especialmente na área da saúde, os times foram sendo monitorados e comandados por uma comissão técnica numerosa, encarregada de cuidar das questões tanto táticas e técnicas, como também extra-campo, tais como: nutrição, fisioterapia, preparo físico, motivação, material esportivo, massagem, acompanhamento psicológico, etc. Tudo isso, evidentemente, de nada adiantaria sem o talento, a inteligência e a malícia do jogador brasileiro, sobretudo dos jogadores de cor, mas com ambos os fatores alinhados a chance de se obter sucesso aumenta consideravelmente, não há dúvidas.

As portas dos estádios foram abertas para o grande público, mas mediante o pagamento de um determinado valor, que varia de acordo com o local e o posicionamento das arquibancadas onde se assiste à partida. Com isso, passou-se cobrar dos atletas um empenho maior nas disputas. Os aficionados passaram a exigir um bom espetáculo, afinal pagavam para isso, e os cartolas passaram a pressionar seus atletas por bons resultados e, conseqüentemente, pela conquista de títulos nas competições das quais participavam. O público torcedor sofreu significativas alterações. A partir de 1933, as moças deram lugar aos negros e operários nas arquibancadas. As manifestações deixaram de

ter aquele ar britânico de outrora e passou-se a ouvir palavras de ordem, gritos, xingamentos, cantos de guerra. A passividade da aristocracia deu lugar a uma nova forma de se torcer. O espectador transformou-se em um participante da disputa, com faixas, palavras de apoio, uniformes e símbolos que o identificam com o clube ao qual elegeu como sendo o “do coração”, fazendo pressão sobre árbitros e bandeirinhas.

No início dos anos 1940, Vicente Rao (Inter), Jaime Rodrigues de Carvalho (Flamengo) e Manoel Porfírio da Paz (São Paulo) dão início a um modo peculiar de torcer e comportar-se nos estádios de futebol. Estes torcedores-símbolos plantaram a semente do que hodiernamente conhecemos como torcidas organizadas (ou uniformizadas), que são grupos de torcedores subsidiados pelos respectivos clubes e os acompanham em qualquer parte, dando-lhes apoio incondicional e entoando cânticos de louvor durante o decorrer das partidas. Em geral, o espectador bem-comportado que assistia à partida sentado e em silêncio deu lugar a um torcedor identificado e apaixonado pelo seu clube. Uma vez que se procedeu à escolha do “clube do coração”, o torcedor passa a identificar-se com tudo o que diz respeito à equipe escolhida e torna-se fiel a ela pelo resto da vida, por isso, no estádio, ele canta, grita, pula, agita-se; é a forma (ou uma das formas) de demonstrar o seu afeto, o seu sentimento de pertença ao grupo. Frequentemente ouvimos as expressões “família”, “nação”, “religião”, quando se quer fazer referência a um determinado clube e seus adeptos. E é exatamente esse espírito de união e identidade que a passagem do amadorismo para o profissionalismo conferiu aos torcedores e clubes brasileiros.

O interesse da torcida pelo futebol e pelos clubes também sofreu alterações de grande porte. Em um estudo realizado no Brasil, Lever (1983) chegou à conclusão de que há, fundamentalmente, três tipos de torcedores no país: fracos, médios e fortes. O torcedor fraco seria aquele que não acompanha os jogos de futebol, seja pelo rádio ou pela televisão, com muita frequência, nem está a par de dados históricos ou atuais relativos aos clubes, mas que é capaz de reconhecer os jogadores de maior destaque da Seleção. Neste caso o futebol representa pouco na vida deste torcedor. O torcedor médio seria aquele que assiste aos jogos mais importantes em que seu time participa e, de vez em quando, a jogos em que seu time não está diretamente envolvido. Busca informações sobre o esporte em jornais, revistas, internet e é capaz de reconhecer craques não só do seu time e da Seleção, mas também de outras equipes importantes. Neste caso o futebol representa uma parte importante da vida deste torcedor. O torcedor forte seria aquele que acompanha todas as partidas nas quais seu time está

envolvido e, sempre que pode, também acompanha partidas de outros times. Está a par de todas as informações sobre seu time e conhece todos, ou praticamente todos, os craques do seu time, da Seleção e, inclusive, dos principais times de outras regiões. Os torcedores médios, segundo a socióloga estadunidense, constituem a maioria da torcida brasileira.

Neste novo período do futebol brasileiro, os grã-finos foram, aos poucos, afastando-se do gramado e ocupando apenas um espaço bem delimitado da arquibancada – a social, onde costuma-se pagar ao clube um valor fixo por mês como forma de ingresso; a superior e as cadeiras, onde o valor do ingresso custa o dobro ou mais do que o da geral. As razões para essa mudança estão ligadas, geralmente, ao fato de os grã-finos terem de trabalhar e não disporem de tempo suficiente para se dedicarem à prática futebolística e para as novas exigências que surgiram, e, também, ao fato de socialmente a carreira de jogador de futebol profissional ser vista com menosprezo e seus praticantes não desfrutarem do mesmo status que um médico ou advogado, por exemplo. Além disso, a remuneração de um atleta profissional não é um grande atrativo. Embora alguns jogadores dos chamados “clubes grandes” recebam um salário astronômico e obtenham a admiração e o respeito da massa, a grande maioria dos atletas é mal remunerada e padece com os constantes atrasados salariais. Também a carreira de jogador de futebol profissional é curta e dura em média apenas dez anos, com raras exceções. Após a profissionalização institucionalizada do futebol no Brasil, paradoxalmente houve uma inversão de posições. Os negros, mulatos e brancos pobres, antes excluídos, assumiram a condição de atletas nos clubes onde eram rejeitados e passaram a defendê-los nas competições oficiais, ao passo que a elite tomou conta da quase totalidade dos espaços antes destinados às peladas e reconfigurou-os, construindo arranha-céus e quadras esportivas para as horas de lazer. Assim, as classes socialmente desfavorecidas tomaram conta do gramado e de boa parte da arquibancada. Para muitos o futebol significava uma chance de mudar de vida, talvez a única, além de ser um divertimento, ou seja, uniram o útil ao agradável.

Após a profissionalização, muitos jogadores negros e mulatos se destacaram, como Leônidas da Silva, o Diamante Negro⁶, que ficou notabilizado por inventar a “bicicleta”, jogada de difícil execução que consiste em chutar a bola de costas para o gol adversário numa manobra acrobática. Jogadores como Leônidas desfrutaram de um grande prestígio, principalmente entre as camadas populares, que se

⁶ Esta alcunha de Leônidas da Silva foi apropriada por uma conhecida marca de chocolate, o que lhe rendeu um bom dinheiro à época. Leônidas da Silva foi um dos primeiros atletas a usufruir o marketing esportivo.

identificam com eles e vêem-nos como seus legítimos representantes; são modelos a serem seguidos por aqueles que, por muito tempo, foram discriminados:

O jogador de futebol lhes pertencia; compreendiam-no, seu chute era o deles. Na medida em que começou a se comprovar o mesmo valor dos jogadores de raça negra [...] cresceu simultaneamente a autoconsciência das massas e elas começaram a sentir o jogador negro ou mulato como seu representante. Gilberto Freyre disse, a propósito, que a massa se comporta, diante do ídolo, como o gato que, enroscando-se na perna do seu dono, parece adulá-lo, quando, na verdade, acaricia voluptuosamente a própria pele (ROSENFELD, 1993, p. 99).

A relação clube-torcida-ídolo, contudo, nem sempre é harmônica. Ao identificar-se com um clube e assumi-lo para o resto da vida, o torcedor sofre, comemora, chora, sorri de acordo com o desempenho que seu time apresenta nas competições. Essa paixão desenfreada por uma agremiação é praticamente unilateral e, por vezes, insana, capaz de fazer um indivíduo priorizá-la a tal ponto de dizer que seria capaz de trocar de esposa e de profissão, mas que jamais trocaria o clube do coração por outro, ou algo qualquer. A única exigência que se faz ao clube que se torce é a recompensa em forma de vitórias e de títulos. Da mesma forma o ídolo não pode decepcionar seu torcedor sob pena deste virar-lhe as costas. Devido à grande rivalidade que se formou ao longo dos anos entre alguns clubes brasileiros, em especial entre clubes da mesma cidade que disputam os chamados dérbis, seja por questões ligadas à raça, etnia, classe social, enfim, diferenças de ordem sociocultural, torna-se inconcebível para um torcedor ver seu ídolo transferir-se do clube do coração para o rival. Esta atitude, bastante comum desde a década de 1990, é considerada pelos torcedores como o mais alto grau de traição. O amor pelo ex-ídolo transfigura-se imediatamente em ódio, e isto não tem perdão. Dentro da lógica do sistema profissional, a troca de clubes pelos atletas, geralmente associada a um aumento salarial, é perfeitamente compreensível e natural, visto que o atleta possui um vínculo empregatício como outro trabalhador qualquer e almeja uma valorização financeira e profissional. A torcida em sua maioria, no entanto, não entende dessa forma e passa a tratar o ex-ídolo com desprezo, muitas vezes tachando-o de “mercenário”, “traíra”, “judas”. É interessante perceber como nestes casos o torcedor permanece atrelado ao sistema amador onde os atletas jogavam anos a fio no mesmo clube e sem se importarem com questões financeiras, ao passo que exige um comportamento extremamente profissional dos atletas que estão a defender o seu clube, como cuidados com alimentação e com o

corpo, cumprimento de horário, empenho máximo nos treinamentos, desempenho impecável nas partidas oficiais, etc.

A consolidação dos jogadores negros e mulatos, elevados à categoria de ídolos, a popularização definitiva do futebol como fenômeno de massa, a criação dos primeiros campeonatos em nível mais amplo, incluindo nas disputas clubes de várias regiões do país, a identificação do povo com a Seleção Brasileira, transformando-a em símbolo nacional, enfim, a consolidação do futebol como paixão nacional veio no final dos anos de 1950 através das conquistas brasileiras em nível mundial.

Em 1950, em virtude da Segunda Guerra Mundial, o Brasil foi escolhido para sediar a IV Copa do Mundo de Futebol. Para a disputa da competição, foi construído, no Rio de Janeiro, o Maracanã⁷, o maior estádio de futebol do mundo com capacidade para mais de 100 mil espectadores. A Seleção Brasileira possuía excelentes jogadores na época, como Zizinho e Ademir, e ainda contava com vários negros no elenco, como Barbosa, Juvenal e Bigode (além do próprio Zizinho), e era favorita ao título. Contudo, na decisão do torneio, contra o Uruguai, ocorreu uma tragédia sem precedentes que abalou por vários anos a auto-estima do povo brasileiro. A Seleção Brasileira precisava apenas de um empate para sagrar-se campeã pela primeira vez na história das Copas do Mundo e saiu ganhando a partida, mas, talvez por excesso de confiança, permitiu que a “Celeste Olímpica”⁸, como era conhecida a Seleção Uruguaia, virasse o jogo e conquistasse seu segundo título mundial em pleno Maracanã frente a centenas de milhares de brasileiros que não queriam acreditar no que estava acontecendo. Este episódio ficou conhecido como *Maracanazo* ou “o dia mais triste da história do Brasil” e trouxe conseqüências drásticas para alguns jogadores brasileiros. Barbosa, o goleiro; Juvenal e Bigode, jogadores de defesa (todos negros), foram injustamente acusados de serem os responsáveis pela derrota. A partir de então, passou-se a questionar o brio e a qualidade dos atletas negros e o caráter mestiço da sociedade brasileira. Muitos intelectuais da época teorizaram sobre a suposta inferioridade do brasileiro, tido como fraco, malandro e preguiçoso e elegeram como culpada a mestiçagem ocorrida ainda no período da colonização. Era o retorno do preconceito, da discriminação e do racismo que

⁷ O Maracanã foi rebatizado com o nome de Mario Filho em 1968, uma homenagem póstuma ao cronista – irmão mais velho de Nelson Rodrigues – que incentivou a construção do estádio no bairro do Maracanã (MARQUES, 2003. p.17).

⁸ Esta denominação se deveu às duas medalhas de ouro olímpicas conquistadas na seqüência pela Seleção Uruguaia nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928. A medalha de ouro, aliás, é a única conquista que falta à Seleção Brasileira de futebol até o momento da conclusão deste trabalho.

imperaram no início do século. O Brasil e os atletas negros, contudo, deram a volta por cima em grande estilo oito anos mais tarde.

Em 1958, o país vivia um período de desenvolvimento sob a presidência de Juscelino Kubitschek, havia o surgimento da Bossa Nova, um estilo musical genuinamente brasileiro que fez sucesso no exterior e, nesse contexto de otimismo, a Seleção Brasileira conquistou, na Suécia, seu primeiro título em Copas do Mundo com a participação destacada de quatro jogadores negros: Newton Santos, Djalma Santos, Didi, Pelé (com apenas dezessete anos de idade), e o mestiço Garrincha, o “Anjo das pernas tortas”. Além da qualidade técnica indiscutível de nossos atletas, houve, ainda, uma preparação e cuidados especiais nos bastidores. Foi formada uma comissão técnica com técnico, preparador físico, supervisor, médico, dentista e psicólogo; todos comandados por Paulo Machado de Carvalho⁹. Foi a consagração do estilo brasileiro de jogar, da malandragem, da ginga, do drible e da capacidade de improvisação. Os negros, antes responsabilizados pela derrota, foram os maiores responsáveis pela retomada da auto-estima e do orgulho de ser brasileiro.

Em 1962, o país era presidido por João Goulart e vivia um período conturbado – um ano antes da conquista houve a campanha da legalidade contra um golpe de estado –, veio o bicampeonato mundial, no Chile, com a manutenção de praticamente todo o elenco que esteve na Suécia quatro anos antes e atuação destaca de Mané Garrincha. Assim como no campo político, nos gramados o Brasil também passou por dificuldades. Pelé, a grande esperança dos brasileiros, sofreu uma grave contusão na segunda partida e teve de abandonar a competição, entrando no seu lugar Amarildo, o “Possesso”, um bom jogador, mas tecnicamente inferior ao rei do futebol. A torcida ficou apreensiva com a ausência do seu maior astro, mas Amarildo cumpriu bem o seu papel, e Garrincha, a “Alegria do Povo”, foi decisivo na conquista do caneco. A Seleção trouxe, junto com a taça, a consolidação do jogador negro, mestiço, enfim, do jogador brasileiro como portador de um estilo único e plasticamente belo de praticar o esporte bretão, hoje, reverenciado no mundo inteiro. O Brasil, enfim, tornara-se o “país do futebol”.

Em 1970, sob a presidência de Emílio Garrastazu Médici e sob o jugo dos militares, o país vivia o auge da repressão após o golpe militar de 1964 e o chamado milagre econômico, desenvolvimento apoiado no capital estrangeiro, além de haver muita concentração de renda. Às vésperas de mais uma

⁹ Paulo Machado de Carvalho era um poderoso empresário da radiodifusão. O estádio municipal de São Paulo, o Pacaembu, como é popularmente conhecido, fundado em 1940 recebeu o seu nome.

Copa do Mundo, por interferência direta do presidente da república, o então treinador da Seleção, o comentarista esportivo João Saldanha, foi demitido e substituído pelo ex-jogador Zagallo, que fora bicampeão como atleta em 58 e 62. Além de não aceitar a intromissão do presidente na escalação do escrete, João Saldanha era simpatizante da ideologia comunista, o que desagradava profundamente o governo. Certa vez, quando questionado sobre a convocação de um atacante¹⁰ que agradava ao presidente, Saldanha respondeu que não escolhia o ministério e, portanto, o presidente não poderia escolher o seu ataque (LEVER, 1983). Apesar da turbulência verificada nos bastidores, no México, veio o tricampeonato e a conquista definitiva da taça Jules Rimet. Desta vez, a Seleção “Canarinho”¹¹ atuou com um elenco bastante modificado em relação às duas conquistas anteriores, mas os destaques continuaram sendo os jogadores negros: Carlos Alberto, Jairzinho e Pelé, apenas ratificando o que o mundo inteiro já sabia: o brasileiro era o melhor jogador do planeta e o Brasil era o país do futebol; ou, como dizia o verso de uma marchinha dos anos 1950, “com brasileiro não há quem possa!”.

Esta foi a primeira vez que uma Copa do Mundo foi transmitida pela televisão, e os militares tentaram fazer uso político da conquista através do slogan “Pra frente Brasil”¹², vinculando o resultado de campo com a situação político-econômica por que o país passava. Médici e seus comparsas tentaram, de fato, alienar a massa e transformar o futebol em ópio do povo. Todavia o futebol venceu, e, anos mais tarde, a democracia também. Como sugere DaMatta:

Foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se (sem querer ou saber) no primeiro e provavelmente no seu mais contundente professor de democracia e de igualdade. Não foi, então, através da escola, do jornal, da literatura ou do Parlamento e de algum partido político que o povo começou a aprender a praticar a igualdade e a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de futebol. Esses eventos onde o vitorioso não tem o direito de ser um déspota, e o perdedor, vale repetir, não pode ser humilhado. Penso, portanto, ao contrário de muitos analistas antigos e modernos que somente vêem esse esporte como um coadjuvante de uma ideologia de dominação, que foi esse vislumbre de igualdade como valor e escolha, contido no velho e bretão *football association*, um dos traços que contribuíram para a sua popularização, tornando-o uma mania e um acontecimento festejado e amado pelo povo (2006, pp. 142-143) [grifo do autor].

¹⁰ O atacante em questão é Dario, também conhecido como Dadá Maravilha, que era um exímio fazedor de gols e que se tornou célebre, também, por proferir frases polêmicas e bem-humoradas.

¹¹ Este apelido foi dado à Seleção Brasileira pelo jornalista Geraldo José de Almeida, quando, na Copa do Mundo de 1954, o escrete trocou o uniforme branco e azul das copas anteriores pelo verde-amarelo.

¹² Este slogan era, também, um verso da música homônima, uma marchinha composta por Miguel Gustavo para inspirar a Seleção durante a disputa da Copa do Mundo daquele ano.

2 NELSON, CRÔNICA, FUTEBOL

A literatura é um produto social. Nesse sentido, ela é produzida em um determinado contexto histórico-social, pondo em relação um autor que responde as demandas de sua época e um público que tem um horizontes de expectativas. A obra (produção estética) traz para dentro de si os dilemas de sua época. É, também, como destaca Cândido, um “sistema simbólico de comunicação inter-humana” (1967, p.25). E como tal necessita três elementos básicos: o autor, aquele que comunica algo; a obra, o objeto a ser comunicado; e o público, aquele a quem o objeto é dirigido. Estes três elementos interligados formam um sistema onde é possível verificar traços comuns de um dado período e interpretá-los.

O autor exerce uma função social e é, na maior parte das vezes, um representante de um grupo influente na estratificação social. A ele cabe comunicar por meio de sua obra determinados valores intrínsecos ao seu grupo. O autor capta, por assim dizer, questões pertinentes ao seu tempo e/ou ao seu grupo e as expõe por meio da obra literária, refletindo na mesma as indagações e a ideologia de uma determinada sociedade.

Nelson Rodrigues iniciou sua carreira jornalística aos treze anos de idade, em 1925, como repórter policial no jornal *A Manhã*, cujo dono era seu pai. Em 1962 foi para o jornal *O Globo*, onde passou a escrever crônicas de futebol em sua coluna, intitulada *À sombra das chuteiras imortais*, tendo antes escrito na revista *Manchete Esportiva* e no *Jornal dos Sports* sobre o mesmo tema.

Apesar de ter iniciado sua produção escrita no jornal, noticiando fatos relativos ao mundo policial e, posteriormente, escrevendo sobre amenidades como futebol e cultura em geral, foi como dramaturgo que Nelson se destacou e ganhou notoriedade na literatura brasileira. Antes de escrever suas crônicas esportivas, o escritor pernambucano já havia deixado sua marca no teatro brasileiro com peças como “Vestido de noiva” (1943) e “Álbum de família” (1946). Concomitantemente à sua produção como cronista esportivo, Nelson continuou a escrever peças teatrais, como “Os sete gatinhos” (1958) e “Boca de ouro” (1959), que mais tarde seriam levadas para o cinema. Nelson também escreveu romances, com destaque para “Asfalto selvagem”, e contos, tendo se destacado pela série “A

vida como ela é”; ambos os gêneros foram veiculados no jornal a partir da segunda metade da década de 1950, mesmo período em que passou a assinar suas crônicas na revista *Manchete Esportiva*.

Nelson, juntamente com o irmão Mario Filho, exerceu um papel fundamental nos anos de 1950, alavancando a crônica esportiva no jornalismo brasileiro. Até 1930 não havia cobertura do futebol pela imprensa devido a pouca popularidade deste esporte se comparado a outras modalidades como o remo, por exemplo, e se comparado ao espaço e a popularidade que o próprio futebol adquiriu hodiernamente. O destaque máximo dado ao futebol àquela época pela imprensa era um rele comentário sobre a ocorrência do evento, a data, o local, os participantes e o resultado no rodapé da página. Os cadernos dos jornais que tratam especificamente sobre futebol surgiram apenas no final dos anos 1960. A principal contribuição dos irmãos Rodrigues talvez tenha sido o fato de utilizarem suas respectivas colunas, seja em jornal ou revista, para trazer informações aos espectadores esportivos de forma apaixonada, dramatizando os acontecimentos futebolísticos numa época em que ainda não havia a concorrência da televisão nas coberturas esportivas.

As obras literárias constituem modos de percepções do mundo e estão intimamente relacionadas à estrutura social da qual fazem parte, representando muitas vezes a ideologia de uma classe ou de uma determinada época.

Desde o século XIX, depois da Revolução Industrial, o autor ganhou autonomia em relação ao Estado ou à Igreja, aos nobres ou a outro tipo de mecenas. Era um produtor de mercadorias inserido na lógica de mercado. É o período em que começa a ser gestada a indústria cultural. Considere-se o fortalecimento da imprensa periódica, em que se inserem os folhetins, espaço de onde provêm muitos romances da literatura brasileira. No caso brasileiro, nos anos 50, a indústria cultural tende a se consolidar. Um papel fundamental é cumprido pelo jornal, em que se inserem vários escritores que se profissionalizam no vínculo com a imprensa. É o caso de Nelson, que teve grande parte de sua obra publicada nos jornais onde trabalhava.

Outro aspecto a ser considerado é que a imprensa faz parte de uma dimensão pública, que se coloca como mediação entre seus leitores e o mundo. De certo modo, na imprensa o leitor colhe as informações sobre seu mundo que se amplia do horizonte restrito da comunidade para a região, o país e o mundo. O que aparece na página de jornal ganha legitimidade de fazer parte do mundo, ganha relevância pública para além do interesse privado do indivíduo.

Seja descrito, narrado, comentado, avaliado, criticado, noticiado – o tipo de acontecimento que chega ao jornal diário é apresentado como algo suficientemente relevante, capaz de interessar a um grande número de leitores. No caso do futebol, temos um movimento que vem da sociedade (um esporte que ganha força e repercussão massiva) e ganha ressonância nas páginas de jornal. Não se trata de um episódio esporádico, mas de uma cobertura cotidiana. Nesse contexto, a crônica futebolística de Nelson Rodrigues está dialogando com uma nova realidade.

Além disso, as obras literárias fazem parte, também, da indústria cultural, tornando-se, assim, mercadorias a serem consumidas por um público visando ao lucro (EAGLETON, 1976).

A crônica, no Brasil, considerada por muitos um gênero “menor”, aumentou significativamente seu espaço a partir dos anos 1930 e sua consolidação teve grande influência do jornal. A crônica é um gênero situado entre o jornalismo e a literatura; dirige-se a um público de jornal; tem por princípio básico o registro do circunstancial, que é feito por um “narrador-repórter”. Este tece comentários sobre fatos e acontecimentos que podem ser reais ou imaginários, que estão dialogando com o tempo presente. Dessa forma, tudo é examinado por um ângulo subjetivo; o cronista pode inventar personagens, dando ao seu relato um toque ficcional. Os acontecimentos narrados são extremamente rápidos, e para criar um ambiente mais familiar para o leitor o cronista tende a trazer a oralidade para dentro da escrita.

Talvez pudéssemos sintetizar a crônica (como gênero moderno vinculado à imprensa) como um espaço de liberdade (de arbítrio) do cronista. Nesse espaço do jornal, o que vai ser dito ou como vai ser escrito, tudo é determinado pelo sujeito. Não há uma temática específica nem uma abordagem pré-determinada, mas podemos verificar o desenvolvimento de uma divisão do trabalho do cronista no jornal: há os que se responsabilizam pelas questões políticas, os que tratam de economia, os que especulam sobre futebol e os que abordam assuntos ligados à cultura geral. Podem ser adotados diversos tons (dramático, lírico, épico, trágico, cômico, anedótico), diversas formas (narrativa, diálogo, epístola, comentário); pode haver mistura de gêneros ou paródia a formas consagradas. O que define a crônica não é essa variabilidade aparente, mas o uso subjetivo (arbitrário às vezes) que o cronista faz do espaço para dialogar com os acontecimentos contemporâneos (postos como notícia do jornal ou observados diretamente na realidade cotidiana). Normalmente o leitor busca essa mediação subjetiva que repercute emoções, opiniões, comentários com os quais pode concordar ou discutir, mas que (de todo modo) ecoam seu vínculo pessoal com uma matéria pública.

É deste novo gênero que Nelson Rodrigues se vale para especular a respeito das relações do indivíduo e da coletividade. Opõe o “grande homem”, que jamais se anula na multidão, ao ser humano massificado; o passado ao presente; a objetividade à subjetividade. Ruy Castro reuniu várias destas crônicas em um livro denominado *À Sombra das chuteiras imortais*, título homônimo ao da coluna que Nelson assinava no jornal *O Globo*.

O livro é composto de setenta crônicas esportivas que compreendem o período de 1950, derrota para o Uruguai em pleno Maracanã, até 1970, consagração do futebol brasileiro com a conquista do tricampeonato mundial. As crônicas reunidas neste livro foram escritas na revista *Manchete Esportiva* (1955 a 1959) e no jornal *O Globo* (a partir de 1962). Os principais temas abordados por Nelson Rodrigues, além do próprio futebol, tratam de questões essencialmente humanas, como a relação heroísmo x medo, vida x morte, massa x indivíduo etc.

Um dos principais personagens do cronista, se não o maior, é a própria Seleção Brasileira. Para Nelson, a Seleção exprime o caráter nacional de um povo. Através dela o autor investiga a psique do homem brasileiro e o microcosmo representado pelo futebol na cultura brasileira e na sociedade. O cronista possui um estilo hiperbólico; nunca em uma partida de futebol está apenas em jogo a disputa e o resultado esportivo, mas também a honra do brasileiro, a alma do Fluminense ou a essência do povo.

Esta obra compreende exatamente um período em que o país estava em ebulição, por assim dizer, por conta do projeto desenvolvimentista do governo JK. No momento em que Nelson escreveu estas crônicas, o Brasil vivia a expectativa de um grande crescimento e um futuro promissor tanto cultural, com o surgimento da Bossa Nova, político, com a construção da nova capital, Brasília, no centro-oeste, e econômico, com o forte investimento no setor automobilístico e a crescente industrialização da nação.

O cronista tratou de refletir em sua obra a crença no Brasil e no brasileiro. Nada melhor que o jornal, um veículo de ampla circulação, e que a crônica, gênero que possui grande proximidade com o leitor, para propagar estes ideais de crescimento institucional e melhora acentuada da auto-estima nacional.

O público, receptor do texto literário, também está ligado e sofre a influência de questões histórico-sociais. Muitas vezes o leitor é influenciado por críticos e intelectuais que formularam um juízo de valor sobre a obra antes mesmo que esta tenha sido apresentada a ele, ou sofre influência até mesmo de um outro grupo de leitores supostamente mais cultos e cujos gostos são mais refinados que o

daquele. Isso faz com que a leitura torne-se um tanto artificial, por assim dizer, já que o leitor recém familiarizado com uma determinada obra atribuirá a esta um valor predeterminado socialmente. O contato do público com o texto literário tem se tornado cada vez mais solitário desde o advento da escrita, passando da oralidade para os livros, revistas e jornais. Desta forma, a obra literária destina-se cada vez mais a um público letrado e participante da vida cultural da sociedade, ou seja, o receptor passa a fazer parte de um grupo restrito, específico.

Por outro lado, o público também é agente histórico e sociocultural. É a anuência do público leitor que dá validade a uma obra e, posteriormente, a seu autor. Uma obra que não agrade ao público está fadada ao fracasso e seu autor, ao acaso. Sendo a obra literária uma mercadoria, um produto da indústria cultural, o seu sucesso está diretamente ligado à cooptação do maior número possível de leitores.

A crônica como obra literária é criada para circular no jornal antes de ganhar a forma de livro. No jornal ela é perecível, efêmera, condenada a dialogar com os fatos recentes. Tende a ser consumida pelo tempo, pelo dia seguinte. Desse conjunto de obras, apenas algumas são selecionadas para serem publicadas em livro e ganharem o *status* de texto permanente que merece ser lido fora do contexto original.

Deve-se considerar, então, em primeiro lugar que o cronista chegará à condição de autor relevante (publicável em livro) apenas se for legitimado por seu público leitor no jornal.

As crônicas de Nelson Rodrigues caíram no gosto do público esportivo, que era formado basicamente pela classe média que freqüentava as partidas disputadas na capital fluminense e pelos ouvintes de rádio. A prova disso é que a revista *Manchete Esportiva* para a qual Nelson escrevia arrebatou um número considerável de leitores no período em que esteve funcionando a pleno. O fechamento da revista em 1959 deveu-se não à falta de leitores/consumidores, mas sim ao alto custo exigido para manter a qualidade de suas publicações sem elevar o custo do produto para os receptores.

Enfim, a relação estabelecida entre a tríade autor-obra-público (não necessariamente nesta ordem) não é fixa e tampouco unilateral. Há uma relação de interdependência, como ressalta Cândido:

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. [...] A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade

que a produziu depois de estabelecido aquele contato indispensável. [...] Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige (1967, pp. 43-44).

A obra é responsável pelo diálogo entre cronista (produtor) e leitor (receptor). O público da crônica esportiva é um apreciador do futebol e busca na obra o contraponto ou a anuência dos fatos que presenciou ou fora informado, conferindo-lhe credibilidade ou não. As opiniões refletidas pelo cronista na obra servem como mediadoras entre o leitor e os fatos, trazendo uma visão subjetiva dos acontecimentos. O cronista, por sua vez, é legitimado pelo público como um observador privilegiado dos acontecimentos que retrata em sua crônica, agindo muitas vezes como um porta-voz do espectador de futebol.

3 NEM SÓ DE FUTEBOL VIVEM AS CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES

Há quem acredite que discutir futebol é uma empobrecedora perda de tempo. Não creio. Quem acompanha o jogo sabe que ele encerra uma infinidade de possibilidades. A todo instante pode-se raciocinar abstratamente, em torno de modelos, observar os resultados práticos, retornar ao modelo ou confirmá-lo. É um jogo de táticas, estratégias, talento individual, articulação coletiva, que reserva sempre espaço para aquilo que faz a vida ser interessante: o imponderável. (FOLHA DE SÃO PAULO apud MARQUES, 2003, p. 56)

Para Nelson Rodrigues há mais coisas entre o homem e a bola do que supõe nossa vã filosofia. O cronista pernambucano, diferentemente do que podemos verificar nas crônicas futebolísticas atuais, não se apega a questões puramente técnicas e táticas para explicar o que havia ocorrido nas partidas sobre as quais tecia seus comentários. Futebol é, sempre foi, e sempre há de ser, paixão. Com um leve toque do imponderável, é claro.

As crônicas esportivas de Nelson discutem, além do próprio futebol, várias questões ligadas à condição humana e, também, detalhes que influenciariam a vida e o esporte. Tudo permeado pela subjetividade do cronista.

Nelson aborda, entre outras coisas, questões metafísicas¹³ capazes de alterar o andamento de uma partida, a supremacia do jogador excepcional, o grande craque, frente aos outros jogadores cujas qualidades são triviais, e questões relacionadas ao modo como “o brasileiro” se comporta em virtude dos resultados obtidos pelo escrete¹⁴, de forma recorrente em seus textos. Pretendemos analisar neste capítulo de que maneira Nelson trata algumas destas questões, que vão muito além do simples jogo de bola e suas regras, constituindo uma visão dramática do futebol e do jogador brasileiros, que refletiriam um modo de ser do povo e do homem brasileiros em sua essência.

¹³ Entendemos, aqui, o termo *metafísica* segundo os estudos de Aristóteles, para quem a metafísica é um saber que pretende ir além dos estudos referentes à realidade empírica e ao ser enquanto entidade real, física, constituindo-se em um saber que transcende o saber físico ou natural. Sendo assim, a metafísica trata daquilo que, de algum modo, é espiritual; está além das experiências humanas propriamente ditas. Cf. Brugger (1969).

¹⁴ Modo como Nelson Rodrigues se refere à Seleção Brasileira. Trata-se de um “abrasileiramento” do vocábulo inglês *scratch*.

3.1 A metafísica no futebol

Certo e brilhante confrade dizia-me ontem que “futebol é bola”. Não há juízo mais inexato, mais utópico, mais irrealístico. O colega esvazia o futebol como um pneu, e repito: - retira do futebol tudo o que ele tem de misterioso e de patético. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana. Às vezes, num córner mal ou bem batido, há um toque evidentiíssimo do sobrenatural. Eu diria ainda ao ilustre confrade o seguinte: - em futebol, o pior cego é o que só vê a bola (RODRIGUES, 1993, p. 103).¹⁵

Nelson Rodrigues tinha dificuldades para ver a bola e as coisas que aconteciam no campo de jogo – ainda mais em se tratando do Ex-Maracanã, como Nelson passou a chamar o Estádio Mario Filho após a homenagem póstuma feita ao seu irmão em 1968, onde a distância entre a arquibancada e o gramado é enorme mesmo para quem não apresenta nenhum problema ligado à visão.

Nelson tivera uma cório-retinite ou uma uveíte aguda, como seqüela da tuberculose (...). Nos primeiros tempos Elza tinha de ajudar Nelson a fazer a barba, amarrar os cadarços e dar sinal para o bonde – qualquer coisa que exigisse enxergar a mais de um palmo de distância. Aos poucos, essa deficiência visual se estabilizou e Nelson habituou-se a conviver com ela, a fazer as coisas sozinho. Óculos, nem pensar. (...) Via vultos correndo pelo campo e só fazia uma idéia do que estava acontecendo porque as torcidas têm um código coletivo, de uhs e ohs, além de gritos de gol. Impressionante é que isso nunca o tenha impedido de ir ao futebol e, durante muitos anos, escrever e falar sobre ele (CASTRO, 1992, p. 150).

Desde 1940, muito antes de escrever suas crônicas futebolísticas, portanto, Nelson apresentava esse problema visual. Talvez seja por isso que tinha um modo muito peculiar de analisar os acontecimentos que lhe eram relatados por quem estava ao seu lado no estádio, ou que ouvia pelo rádio. A imaginação e a fantasia eram suas principais aliadas. Nelson não se preocupava em analisar o posicionamento tático das equipes envolvidas na disputa. Para ele pouco importava se um time jogava no 4-4-2, ou adotava o 3-4-3, ou, ainda, o 4-3-3, tampouco o 3-5-2. O que Nelson buscava com seu olhar subjetivo de cronista – e, também, dramaturgo, por que não! – era o detalhe; o ínfimo

¹⁵ A partir daqui, todos os trechos de crônicas que se seguem foram retirados da edição de 1993 de *À sombra das chuteiras imortais*, livro de crônicas de Nelson Rodrigues organizado por Ruy Castro. Por questão de economia, decidimos por bem fazer apenas a indicação das páginas onde se encontram as referidas crônicas.

acontecimento na visão dos demais era justamente o que prendia a atenção do torcedor-analista Nelson Rodrigues. Em várias de suas crônicas podemos verificar a presença de algo sobrenatural, metafísico como explicação para uma jogada inesperada, um gol incomum, uma vitória ou derrota inesperada.

Na crônica denominada “A cusparada metafísica”, onde Nelson analisa a vitória do Flamengo sobre o Canto do Rio pelo placar de 2x1, fica evidente esse traço particular do analista dos dramas humanos.

Amigos, é óbvio que eu tenho que catar, entre os 22 elementos de Canto do Rio x Flamengo, o meu personagem da semana. Digo “22 elementos” e já retifico: - 23. De fato, seria uma injustiça, e das mais crassas, não incluir o árbitro Alberto da Gama Malcher entre as figuras cogitáveis (p. 31).

Nelson inicia seu texto com a expressão “Amigos”, uma marca recorrente em suas crônicas esportivas, conclamando o leitor para a interlocução. A crônica é o gênero literário que mais se aproxima da linguagem oral, desde sua temática leve, sobre fatos corriqueiros, até o seu vocabulário simples e usual. Nelson traz para dentro de seu texto a impressão de que dialoga com o leitor como se ambos, leitor e escritor, estivessem conversando em uma mesa de bar descompromissadamente, com naturalidade. Encontramos logo de início uma marca da oralidade na escrita de Nelson. Quando escreve “Digo ‘22 elementos’ e já retifico: - 23.”, o autor poderia simplesmente não ter retificado, bastava não ter escrito “22 elementos”, e sim redigido diretamente “23”, já que o texto escrito nos permite refletir antes de escolher e redigir uma sentença, ao contrário da linguagem oral, onde os enunciados vão se sucedendo naturalmente. Outra marca importante nas crônicas esportivas de Nelson são os estrangeirismos utilizados pelo cronista, como os vocábulos “*métier*” e “*match*”, evidenciando um momento, ainda, de transição e consolidação do futebol brasileiro, que até então se valia de termos estrangeiros, sobretudo ingleses, para designar certos termos referentes ao futebol, o que, aos poucos, foi-se “abrasileirando”, por assim dizer. O próprio Nelson passou a usar, depois de algum tempo, a expressão abasileirada “escrete” no lugar de “*scratch*”, quando referia-se à Seleção Brasileira.

Em seguida, o cronista dramatiza uma situação de jogo que, para muitos, não passaria da pura e simples aplicação objetiva das regras do futebol:

Ele marcou dois pênaltis e, não satisfeito, determinou uma expulsão. E um juiz que faz tanto está, indubitavelmente, assumindo uma grave responsabilidade, perante Deus e perante os homens. Sim, ele poderia ser meu personagem, se eu não tivesse escolhido outro (loc. cit.).

A marcação de dois pênaltis e a determinação de uma expulsão de um jogador da equipe infratora confere uma nova conotação à partida, sem dúvida, uma vez que o time que está em desvantagem numérica necessita um empenho maior de seus jogadores para suprir a ausência do companheiro que se encontra fora de jogo, mas Nelson se vale da hipérbole, outro recurso recorrente em seus textos, para evidenciar a importância e o que estes fatos relacionados podem acarretar no andamento de uma partida. Para o cronista a decisão do árbitro não foi uma decisão qualquer, um simples cumprimento da regra, mas sim a assunção de “uma grave responsabilidade, perante Deus e perante os homens”, dando uma aura sacra ao acontecimento.

Apesar da intensa participação do árbitro, ainda assim ele não foi o escolhido para “personagem da semana”. Isto porque outro acontecimento chamou a atenção de Nelson, um fato inusitado – uma cusparada: “E o patético é que, desta vez, não se trata de gente. Insisto: o meu personagem da semana não pertence à triste e miserável condição humana. É, e com escrúpulo e vergonha o confesso, uma cusparada” (RODRIGUES, 1993, loc. cit.).

A cusparada, assim como a bofetada barulhenta, representa para Nelson aquilo que há de mais ultrajante na relação humana, uma ofensa sem precedentes. E é exatamente uma cusparada a “personagem da semana”, o fato maior ocorrido na partida, segundo o olhar subjetivo do cronista. Nelson apega-se ao detalhe, ao fato obscuro, para explicar o desenrolar da partida, argumentando que “A vida dos homens e dos times depende, às vezes, de episódios quase imperceptíveis”.

Antes de comentar o fato único que foi destacado por ele para explicar a vitória rubro-negra em detrimento de esquemas táticos, erros de arbitragem ou deficiência técnica de algum jogador, Nelson faz um panorama da partida e dos sentimentos e emoções que cercam os envolvidos na disputa:

Por exemplo: - o jogo Canto do Rio x Flamengo, que foi tão árduo, tão dramático para o rubro-negro. Antes da partida, havia rubro-negros olhando de esguelha, e com o coração pressago, o time da vizinha capital. É certo que o Canto do Rio não esfrega na nossa cara grandes nomes,

grandes cartazes. Mas nós sabemos que está lá, por trás, dispendo, o treinador Zezé Moreira. Convém temer o clarividente *métier*, a sábia experiência do vencedor do Pan-Americano.

Começa o *match* e logo se percebe que o Flamengo teria de molhar a camisa. O Canto do Rio fez o jogo que rende, que interessa: - bola no chão, passe rasteiro, penetração, agressividade. Termina a primeira etapa com um escandaloso 1 x 0 a favor do Canto do Rio. Cá fora, vários rubro-negros se entreolhavam, em pânico. Imaginem se o Flamengo cai da liderança, como de um trapézio. Mas vem o tempo final e o rubro-negro consegue, com um gol notabilíssimo de Henrique, o empate. Mas não bastava. Um empate significaria, do mesmo modo, a humilhação de um segundo lugar. Continua a tragédia.

E, de repente, com a bola longe, nos pés de Jairo, se não me engano, há um incidente na área do Canto do Rio. Alguém chuta alguém. Malcher, de uma só cajadada, mata dois coelhos: - expulsa Floriano, que lhe pareceu culpado, e assinala pênalti contra o Canto do Rio. Amigos, eu confesso: - tive pena do Canto do Rio, porque o árbitro o punia duas vezes pela mesma falta. Achei que era justiça demais, castigo demais. Vem Moacir e desempata: - Flamengo 2 x 1. Inferiorizado no placar e com dez elementos, lá parte, outra vez, o Canto do Rio. Jogo duro, viril, disputado com gana e, eu quase diria, com ódio (pp. 31-32).

Uma partida com tantos elementos mexe com os sentimentos dos atletas envolvidos e, também, com o público presente no estádio a tal ponto de despertar o ódio em meio à disputa. O lance crucial, no entanto, ficara reservado para o fim do confronto:

Faltando quatro ou cinco minutos para acabar a batalha, ocorre contra o Flamengo o pênalti que, para muitos, foi de compensação. Devia ser empate, ou seja: - o resultado que viria pôr abaixo, da ponta, o Flamengo. Foi então que Dida teve uma lembrança maléfica e mesmo diabólica. Estava a bola na marca fatídica. Dida aproxima-se, ajoelha-se, baixa o rosto e vai fazer o que nem todos, na afobação, percebem. Para muitos, ele estaria rezando o couro. Mas eis, na verdade, o que acontecia: Dida estava cuspiendo na bola. Apenas isso e nada mais. Objetará alguém que este é um detalhe anti-higiênico, antiestético, que não devia ser inserido numa crônica. Mas eu vos direi que, antes de Canto do Rio x Flamengo, já dizia aquele personagem shakespeariano que há mais coisas no céu e na terra do que supõe a nossa vã filosofia. Quem sabe se a cusparada não decidiu tudo? Só dei que lá ficou a saliva, pousada na bola. O que aconteceu depois todos sabem: - Osmar bate a penalidade de uma maneira que envergonharia uma cambaxira. Atirava o Canto do Rio pela janela a última e desesperada chance de um empate glorioso.

E ninguém desconfiou que o fator decisivo do triunfo fora, talvez, a cusparada metafísica de Dida, que ungiu a bola e a desviou, na hora H (p. 32).

O futebol para Nelson ultrapassa a dimensão terrena, é permeado pela presença de fatores sobrenaturais capazes de modificar o rumo dos acontecimentos, da lógica. Com a profissionalização do futebol brasileiro (e, também, mundial) e, por conseguinte, da crônica esportiva, os cronistas de um modo geral passaram a tratar exclusivamente de questões táticas e técnicas, deixando de lado o aspecto

lúdico do jogo e o caráter humano do esporte. Quando muito, os cronistas atuais (leia-se os cronistas que passaram a escrever após os anos 1980) se preocupam com picuinhas entre atletas e dirigentes, ou com questões da política interna dos clubes e dos bastidores. Estes cronistas são o que Nelson chamaria de “idiotas da objetividade”, pois só enxergam o que está explícito, só vêem a bola! Só um analista com a sensibilidade de um Nelson Rodrigues seria capaz de atentar para uma cusparada na bola antes da cobrança de um pênalti como fator determinante para o destino da partida. Quantos torcedores apelam para questões místicas, fazendo promessas, rezas, simpatias, enfim, para que seu time obtenha um bom resultado em um jogo importante, decisivo. Então, por que não pensar que, de fato, foi uma cusparada, sob a intervenção divina, que fez a bola desviar e não resultar em gol o chute do atleta do Canto do Rio?

Em outra crônica, também sobre o Flamengo, Nelson Rodrigues apela para a mística da camisa rubro-negra como sendo suficiente para vencer o adversário, a despeito dos jogadores que a defendem:

Para qualquer um, a camisa vale tanto quanto uma gravata. Não para o Flamengo. Para o Flamengo, a camisa é tudo. Já tem acontecido várias vezes o seguinte: - quando o time não dá nada, a camisa é içada, desfraldada, por invisíveis mãos. Adversários, juízes, bandeirinhas tremem então, intimidados, acovardados, batidos. Há de chegar talvez o dia em que o Flamengo não precisará de jogadores, nem de técnicos, nem de nada. Bastará a camisa, aberta no arco. E, diante do furor impotente do adversário, a camisa rubro-negra será uma bastilha inexpugnável (p. 10).

O valor conferido à camisa rubro-negra está intimamente ligado à tradição. Esta crônica foi escrita por Nelson para homenagear os sessenta anos de fundação do time de futebol do Clube de Regatas Flamengo. Assim sendo, o cronista comenta as vitórias do time flamenguista no presente, aludindo aos seus feitos do passado. Como Nelson faz questão de ressaltar em vários de seus textos, o futebol deve ser entendido como algo transcendente, e uma simples partida envolve todo um contexto sócio-histórico que vai muito além das quatro linhas onde é disputado o jogo. A força do Flamengo reside no grande número de torcedores que possui espalhados pelo Brasil, por todos os craques que já vestiram sua camisa, por todos os títulos que já conquistou. Desse modo, quando o Flamengo entra em campo, com ele está toda a sua história, toda a paixão de milhares de torcedores, e não apenas os onze jogadores encarregados de defenderem suas cores.

A ação do sobrenatural, das questões metafísicas, está presente em muitas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues, sendo que em algumas a intervenção divina, por assim dizer, ocorre por meio de objetos. Ou por meio de atitudes, como podemos verificar na crônica denominada “O riso”:

Mário Américo influi mais nos fatos do campo, na evolução das partidas, que muito jogador, muito paredro, muito técnico. E não é com massagens platônicas, não é fazendo seu *métier*, que o homem tem decidido vários jogos. Mário Américo age pelo riso, apenas pelo riso. Sim, amigos: - quando se abre, quando se escancara, quando se alarga no seu riso incoercível, não há força que o contenha e que lhe resista. Mário Américo sério é um pobre ser, duma esplendorosa nulidade como todos nós. Foi o que aconteceu no Brasil x Argentina, em Montevideú. Luizinho deu um corte num adversário de forma tão espetacular que Mário Américo não resistiu: - nunca o seu riso foi tão largo, nunca o seu riso teve, como naquele momento, uma dilatação de parto. Como vencer uma gargalhada cósmica? (p. 24).

Assim como a cusparada em outra crônica, o que merece destaque, agora, na análise rodrigueana é o riso do massagista da Seleção Brasileira. Geralmente o massagista fica à margem da disputa. Sua atuação passa quase despercebida perante os olhos do grande público e da maioria dos comentaristas também. Os jogadores são os grandes atores, os técnicos vêm logo em seguida, o árbitro e os bandeirinhas são coadjuvantes, tentando, por vezes, roubar a cena, os gandalas vez ou outra são citados. O massagista jamais é mencionado. Exceto diante da visão rodrigueana e seu modo todo particular de encarar o futebol. Nada passa batido sob os olhares de Nelson Rodrigues.

Diante da vitória brasileira sobre a Argentina pelo “placar franciscano” de 1x0, o destaque ficou, segundo a óptica de Nelson, por conta do riso do massagista brasileiro Mário Américo. A gargalhada dada por este quando do drible sensacional do jogador brasileiro sobre o adversário foi a responsável pela desestabilização emocional da equipe adversária.

O que seria do futebol se por trás das regras e dos arroubos táticos dos treinadores não houvesse a figura humana e seus dramas? Provavelmente o futebol seria um simples jogo que não transmitiria absolutamente nada aos seus espectadores. O que dá sentido ao futebol, a meu ver, é todo o contexto que o envolve, desde as ideologias subjacentes até os significados que transbordam o espaço restrito do campo de jogo. Nelson Rodrigues foi muito feliz ao perceber e relatar tais relações em suas crônicas.

Na análise rodrigueana nem tudo é o que parece ser. Qualquer fato, circunstância, objeto toma ares de algo etéreo. Vejamos os elementos das crônicas citadas acima: a cusparada, a camisa e o riso. Estes três elementos em determinado momento transcendem a simples condição material inerente a eles para assumirem uma dimensão sobrenatural. A cusparada deixa de ser uma atitude ofensiva e anti-higiênica para tornar-se “metafísica”. A camisa não é mais uma simples peça do vestuário, e sim “mística”. O riso, por sua vez, ultrapassa a expressão corporal para tornar-se “cósmico”.

Estas são construções típicas do cronista Nelson Rodrigues, cujo estilo hiperbólico transmite de modo singular a real dimensão da dramaticidade que o futebol assume na sociedade brasileira.

3.2 O jogador excepcional

Nelson Rodrigues tinha aversão à massificação imposta ao povo, segundo ele, pelos militantes de esquerda no Brasil, tanto política como culturalmente. O cronista e dramaturgo interessava-se pelos dramas coletivos, mas principalmente pelos dramas individuais. O talento pessoal despertava o interesse e respeito de Nelson. Para ele as vitórias coletivas eram frutos da capacidade inata dos indivíduos geniais que agiam em prol dos demais. A união de gênios em torno de uma causa seria, talvez, a solução para as mazelas brasileiras.

A Seleção Brasileira encarnaria o espírito do povo brasileiro. E tal qual ocorria na política e na cultura, o esporte nacional vivia um período conturbado nos anos 1950, tendo a nação presenciado o suicídio do presidente Getúlio Vargas e os vexames do escrete nas Copas de 50 e 54. Para mudar esta situação desfavorável. Eis que no campo político surge Juscelino Kubitschek, enquanto no futebol surgem Didi, Garrincha e Pelé. Cada um a seu modo, estes homens tiveram participação decisiva na mudança anímica por que passou a nação a partir de 1958.

Didi era um mulato que sabia como tratar a bola, elegante com ela nos pés, jogava com classe. Consagrado por desferir um chute que ficou conhecido como “folha seca”, visto que a bola desviava

sua trajetória inicial após ter sido meticulosamente chutada pelo “príncipe etíope de rancho”, como Nelson o chamava em suas crônicas.

Na visão de Nelson, Didi era um jogador de qualidades superiores não só por sua capacidade de manipular a bola com maestria, mas também pela sua força interior, sua alma de grande homem, de vencedor:

E, todavia, eu penso em Didi. Examinem a sua fisionomia, os seus traços. Há, nele, uma dignidade racial de Paulo Robeson¹⁶. “Grande jogador”, dizem todos. Mas não faltam os que duvidem do seu caráter, do seu brio, da sua alma.

(...) Nos treinos da seleção, foi vaiado quantas vezes? Acabaram queimando o formidável jogador. Conclusão: - ele amarrou a cara e seu comportamento, em todo o Mundial, foi esmagador.

Não se podia desejar mais de um homem, ou por outra: - não se podia desejar mais de um brasileiro. Ninguém que jogasse com mais gana, mais garra, e, sobretudo, com mais seriedade. Nem sempre marcava gols. Mas estava, fatalmente, por trás dos tentos alheios. Era ele quem amaciava o caminho, quem desmontava a defesa inimiga com seus lançamentos em profundidade (...).

Não foi só o jogador único, que os críticos europeus mais exigentes consideraram o maior da Copa. Foi algo mais: - um homem de bem. O que ele demonstrou de constância, de fidelidade, de bravura, de entusiasmo, basta para caracterizá-lo como um brasileiro de altíssima qualidade humana. (...) Pois nós sabemos que nenhum escrete levanta um campeonato do mundo sem extraordinárias qualidades morais. De nada adiantará o futebol se o homem não presta. O belo, o comovente, o sensacional no triunfo de ontem está no seguinte: - foi, antes de tudo, o triunfo do homem (p. 59).

O craque, mesmo diante da descrença de alguns torcedores, provou durante a Copa do Mundo de 1958, disputada na Suécia – a única, até o presente momento, vencida por uma seleção não pertencente ao continente sede da competição –, que era um jogador de excepcionais qualidades técnicas e, além disso, um grande homem.

O homem que se diferencia dos demais pelos seus dotes morais elevados destaca-se em meio à multidão:

Mas há, no caso de Didi, certas circunstâncias que projetam o craque em alto-relevo. O torcedor estava errado quando o imaginava incapaz de paixão, incapaz de gana, incapaz de garra. Molhou a camisa, derramou até a última gota de suor, matou-se em campo. Quando o rei

¹⁶ Negro estadunidense, artista e ativista político, que lutou pela igualdade dos direitos civis e raciais.

Gustavo da Suécia veio apertar-lhe a mão, eu imaginei ao ouvir no rádio a descrição da cena: - dois reis! Pois Didi, como sempre tenho dito aqui, lembra um rei ou príncipe etíope de rancho. Com as suas gingas maravilhosas, ele, em pleno jogo, dava a sensação de que lhe pendia do peito não a camisa normal, mas um manto de cetim azul, com barra de arminho (loc. cit.).

Temos, aqui, a descrição de uma cena permeada pela subjetividade do cronista. Desta vez explicitada no próprio texto. A cena que Nelson comenta foi imaginada por ele de acordo com as informações veiculadas pelo rádio, já que à época não havia, ainda, transmissões ao vivo pela televisão das partidas da Copa do Mundo. Tal qual o radialista, o cronista relata os acontecimentos vivenciados envoltos por uma certa fantasia, dando um tom dramático ao seu relato. Cabe pensar até que ponto os acontecimentos descritos por Nelson correspondem à realidade, ou se são simplesmente fruto de seu desejo de patriota. De qualquer forma, o craque Didi deu a volta por cima, não se deixou abater pelas críticas e retornou campeão da Suécia.

Garrincha era um mestiço de pernas tortas. Possuía uma facilidade singular para ludibriar o adversário com ou sem a bola nos pés. Garrincha talvez seja o maior representante do que ficou conhecido como futebol-arte, ou seja, um estilo de jogar à brasileira que reunia o drible, a molecagem, a irreverência, a precisão no passe e no chute como principais virtudes. Pelo seu estilo pretensamente descomprometido, Garrincha ficou popularmente conhecido como “o Anjo das pernas tortas” e, também, como “a Alegria do povo”¹⁷.

Para Nelson, Garrincha era excepcional porque não se intimidava frente a nenhum adversário. O craque não temia ninguém, pois confiava no próprio potencial. Sabia que era bom e isso lhe bastava. Na partida contra a então URSS pela Copa de 1958, vencida pelo Brasil por 2x0, Garrincha foi o grande destaque do triunfo brasileiro, segundo o cronista, dando um “baile” nos soviéticos, que eram apontados pela crítica esportiva da época como favoritos ao título:

Só um Garrincha poderia fazer isso. Porque Garrincha não acredita em ninguém e só acredita em si mesmo. Se tivesse jogado contra a Inglaterra, ele não teria dado a menor pelota para a

¹⁷ Embora Nelson, em suas crônicas, não se refira a Garrincha por meio destes apelidos, é provável que a alcunha “Alegria do povo”, que foi incorporada pelo senso comum, tenha sido dada ao jogador por conta da descrição que o cronista faz sobre as reações das torcidas a cada jogada do craque botafoguense. A expressão “Anjo das pernas tortas”, também incorporada pelo senso comum, é uma alusão a um defeito físico que Garrincha possuía: as pernas eram arqueadas e uma era maior do que a outra. E ao modo de ser do “seu” Mané: dócil e brincalhão.

rainha Vitória, o lord Nelson e a tradição naval do adversário. Absolutamente. Para ele, Pau Grande, que é a terra onde nasceu, vale mais do que toda a Comunidade Britânica. Com esse estado de alma, plantou-se na sua ponta para enfrentar os russos. Os outros brasileiros poderiam tremer. Ele não e jamais. Perante a platéia internacional, era quase um menino. Tinha essa humilhante sanidade mental do garoto que caça cambaxirra com espingarda de chumbo e que, em Pau Grande, na sua cordialidade indiscriminada, cumprimenta até cachorro. Antes de começar o jogo, o seu marcador havia de olhá-lo e comentar para si mesmo, em russo: “Esse não dá pra saída!”. E, com dois minutos e meio, tínhamos enfiado na Rússia duas bolas na trave e um gol. Aqui, em toda a extensão do território nacional, começávamos a desconfiar que é bom, que é gostoso ser brasileiro (p. 54).

Garrincha era um dos gênios da galeria rodrigueana. O craque botafoguense se destacava perante os demais por seu virtuosismo, por um estado de alma incomum, acima dos outros jogadores e acima até mesmo dos craques da Seleção Brasileira. Diante da superioridade avassaladora do “seu” Mané, Nelson Rodrigues viu-se obrigado a repeti-lo como “personagem da semana” em uma de suas colunas, prática pouco comum:

Amigos, estou diante de um problema, que é o seguinte: - Garrincha foi, há pouco tempo, meu personagem da semana. Poderei repeti-lo sem irritar os leitores? Eis a verdade, porém: - não se trata de escolher, de optar. Ontem, só houve em campo um nome, uma figura, um show: - Garrincha. Os outros três campeões do mundo estavam lá também. Mas Didi, Zagalo e Nilton Santos pertencem à miserável condição humana. São mortais e suscetíveis de todas as contingências da carne e da alma. Jogaram por honra da firma e por um dever contratual. Estavam exaustos e no extremo limite de suas resistências emocionais e atléticas. Garrincha, não. Garrincha está acima do bem e do mal (p. 62).

O “seu” Mané era tão espetacular, tão superior que foi capaz de fazer, numa disputa entre o seu time (o Botafogo) e o Fluminense (time de Nelson Rodrigues), com que torcedores adversários se divertissem – mesmo que isso fosse de encontro aos interesses do próprio clube do coração – com suas jogadas. Este fato é, no mínimo, inusitado e até mesmo impensável no futebol atual. Porém:

Garrincha trazia para o futebol uma alegria inédita. Quando ele apanhava a bola e dava o seu baile, a multidão ria, simplesmente isto: - ria e com uma saúde, uma felicidade sem igual. O jornalista Mário Filho observou, e com razão, que, diante de Garrincha, ninguém era mais torcedor de A ou de B. O público passava a ver e a sentir apenas a jogada mágica. Era, digamos assim, um deleite puramente estético da torcida (pp. 62-3).

A gargalhada e o aplauso dos adversários para as jogadas de Garrincha são reflexos da admiração que só um homem superior poderia obter perante os demais, segundo a visão rodrigueana. O show do “seu” Mané só era possível porque ele agia por instinto, seus reflexos estão acima do raciocínio do homem normal:

Comparem o homem normal, tão lerdo, quase bovino nos seus reflexos, com a instantaneidade triunfal de Garrincha. Todos nós dependemos do raciocínio. Não atravessamos a rua, ou chupamos um Chica-bon, sem todo um lento e intrincado processo mental. Ao passo que Garrincha nunca precisou pensar. Garrincha não pensa. Tudo nele se resolve pelo instinto, pelo jato puro e irresistível do instinto. E, por isso mesmo, chega sempre antes, sempre na frente, porque jamais o raciocínio do adversário terá a velocidade genial do seu instinto (p. 63).

O craque botafoguense encarnava a alegria e o talento do futebol brasileiro em sua plenitude. E graças à auto-confiança e à irreverência de seu futebol moleque “compensou-nos de todas as nossas humilhações pessoais e coletivas” (RODRIGUES, 1993, p. 138). Garrincha é a prova de que o jogador e o homem de talento são capazes de mudar um sentimento coletivo de derrotismo e transformar a imagem negativa e preconceituosa que se tem de algo. O “Anjo das pernas tortas” venceu para o brasileiro e pelo brasileiro.

Pelé era, já aos dezessete anos de idade, um crioulo de incomparáveis e incontestáveis qualidades técnicas. Sua capacidade ímpar de jogar futebol encantou o mundo a partir de 1958, consagrando-o, ao fim de sua carreira como jogador profissional, como o “Rei do futebol”. Pelé é, seguramente, uma das personalidades brasileiras mais conhecidas em todo o planeta, senão a mais conhecida, e seu nome está intimamente ligado ao futebol e ao Brasil. Nelson, em suas crônicas, referia-se a Pelé de um modo muito afetuoso e consagrador: o “divino crioulo”.

Nelson Rodrigues dedicou muitas crônicas aos três craques brasileiros, especialmente a Pelé e Garrincha, sempre enaltecendo as qualidades esportivas e, também, psicológicas e morais dos mesmos. O espantoso em Pelé era sua aptidão para fazer com a bola nos pés aquilo que nenhum outro era capaz. E aos dezessete anos apenas:

Pelé, um menor total, irremediável, que nem pode assistir a filme de Brigitte Bardot. Ao receber o ordenado, o bicho, é o pai que tem de representá-lo. Pois bem: - Pelé assombrou o mundo. Não se limitou a fazer gols. Tratava de enfeitá-los, de lustrá-los (p. 58).

Em sua primeira crônica sobre Pelé, Nelson vislumbrou um futuro de glórias para o futebol brasileiro em decorrência das qualidades extraordinárias do “divino crioulo”. Esta crônica, que aparece no livro *À sombra das chuteiras imortais*, organizado por Ruy Castro, intitulada “A realeza de Pelé”¹⁸, é a primeira em que o autor chama o craque de “rei”. Não nos foi possível pesquisar a respeito, mas é muito provável que a alcunha que Pelé carregaria pelo resto de sua carreira e vida tenha mesmo lhe sido dada por Nelson a partir desta crônica. À menoridade legal do jogador contrapunha-se a maioridade intelectual, emocional e atlética. Isto causava um misto de espanto e esperança no cronista, já que o escrete brasileiro e seus craques vinham desacreditados pela mídia e torcida em geral após os fracassos retumbantes das Copas de 1950 e 54. E com o talento de Pelé este quadro negativo poderia ser revertido.

Examino a ficha de Pelé e tomo um susto: - dezessete anos! Há certas idades que são aberrantes, inverossímeis. Uma delas é a de Pelé. Eu, com mais de quarenta, custo a crer que alguém possa ter dezessete anos, jamais. Pois bem: - verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: - ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor (p. 42).

Como verificamos anteriormente nas crônicas em que Nelson se apegava a questões sobrenaturais para explicar o resultado das partidas, o cronista confere um grande valor às coisas que ultrapassam os limites puramente técnicos e táticos, interferindo de uma forma ou de outra no escore final. O fator psicológico e emocional é de grande interesse para o autor também. Não basta ser bom, competente na execução de suas tarefas. Um jogador para ser vencedor precisa ter algo mais, precisa

¹⁸ Partida disputada antes da Copa do Mundo de 1958. O Santos de Pelé venceu o América-RJ pelo placar de 5 a 3.

ter espírito vitorioso. A postura dos atletas chamava bastante a atenção de Nelson, que viu em Pelé algo nunca antes visto: a consciência do próprio talento e o uso do mesmo de modo altivo, inconteste:

O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: - a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piohento. E o meu personagem tem uma tal sensação de superioridade que não faz cerimônias (loc. cit.).

Mais adiante, o cronista relata algumas afirmações supostamente proferidas por Pelé acerca da própria qualidade como jogador:

Já lhe perguntaram: - “Quem é o maior meia do mundo?”. Ele respondeu, com a ênfase das certezas eternas: - “Eu”. Insistiram: - “Qual é o maior ponta do mundo?”. E Pelé: - “Eu”. Em outro qualquer, esse desplante faria rir ou sorrir. Mas o fabuloso craque põe no que diz uma tal carga de convicção, que ninguém reage e todos passam a admitir que ele seja, realmente, o maior de todas as posições. Nas pontas, nas meias e no centro, há de ser o mesmo, isto é, o incomparável Pelé (p.42-3).

Cabe aqui pensar a crônica como um espaço onde o cronista tem liberdade para escrever e dar vazão à subjetividade. Até que ponto as afirmações atribuídas ao jogador foram de fato manifestadas por ele. Será que um garoto aos dezessete anos de idade, estreante no mundo da bola, seria atrevido a tal ponto de declarar ser o melhor em todas as posições – de fato Pelé, por força do regulamento, acabaria atuando até mesmo como goleiro pelo time em que jogava, o Santos Futebol Clube, anos mais tarde¹⁹ -, ou trata-se de uma ficcionalização do craque pelo cronista?

A imaginação era um dos recursos de que Nelson se valia, dando uma nova conotação aos fatos por ele relatados em seus textos. O modo como Nelson descrevia seus personagens contribuía para a construção do mito do jogador genial, dos craques brasileiros, ainda mais se atentarmos para o fato de que as crônicas rodrigueanas datam de um período no qual a influência da televisão era, ainda, ínfima.

¹⁹ Pelé atuou como goleiro em mais de uma oportunidade, porém, a mais significativa foi em 19/01/1964, quando o goleiro titular do Santos foi expulso. Pelé substituiu Gilmar durante os minutos finais da partida em que o Santos venceu o Grêmio por 4x3 no estádio Pacaembu pela Taça Brasil. Cf. http://miltonneves.uol.com.br/qfl/index.asp?id_qfl=761 e <http://pele.m-qp-m.com/portuguese/pele.shtml>.

Sendo assim, o leitor buscava informações nas crônicas e nas locuções de radialistas, onde a fantasia tinha trânsito livre.

O grande jogador assume na visão rodrigueana uma aura de herói. Pelé era, por sua superioridade técnica e espiritual, capaz de vencer a batalha sozinho. O grande homem surge para resolver todos os problemas que se apresentam ao longo do caminho, agindo de forma sobre-humana.

Vejam o que ele fez, outro dia, no já referido América x Santos. Enfiou, e quase sempre pelo esforço pessoal, quatro gols em Pompéia. Sozinho, liquidou a partida, liquidou o América, monopolizou o placar. Ao meu lado, um americano doente estrebuchava: - “Vá jogar bem assim no diabo que o carregue!”. De certa feita, foi até desmoralizante. Ainda no primeiro tempo, ele recebe o couro no meio do campo. Outro qualquer teria despachado. Pelé, não. Olha para a frente e o caminho até o gol está entupido de adversários. Mas o homem resolve fazer tudo sozinho. Dribla o primeiro e o segundo. Vem-lhe ao encalço, ferozmente, o terceiro, que Pelé corta sensacionalmente. Numa palavra: - sem passar a ninguém e sem a ajuda de ninguém, ele promoveu a destruição minuciosa e sádica da defesa rubra. Até que chegou um momento em que não havia mais ninguém para driblar. Não existia uma defesa. Ou por outra: - a defesa estava indefesa. E, então, livre na área inimiga, Pelé achou que era demais driblar Pompéia e encaçapou de maneira genial e inapelável (p. 43).

Pelé só foi capaz de construir a jogava genial sozinho porque confiava no seu potencial de jogador acima da média. Para ser um craque é necessário agir por si próprio e não titubear frente o desafio que se apresenta, nem importar-se com a opinião alheia. O grande homem se impõe sobre os demais por sua perspicácia e autoconfiança sem se deixar abalar por nada nem por ninguém.

Nelson via em Pelé exatamente essa condição de homem destemido que tanto cobrava dos craques antecessores que defenderam o escrete nos fracassos das Copas anteriores.

Ora, para fazer um gol assim não basta apenas o simples e puro futebol. É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, de certeza, de otimismo, que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e mesmo insolente que precisamos. Sim, amigos: - aposto minha cabeça como Pelé vai achar todos os nossos adversários uns pernas-de-pau (loc. cit.).

Por Pelé possuir todas estas virtudes que Nelson postula como primordiais para se alcançar a vitória, o cronista profetiza o sucesso que, de fato, se materializaria meses depois:

Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós (Ibidem).

Com Pelé no elenco, a Seleção Brasileira conquistou em definitivo a taça Jules Rimet ao vencer a Copa do Mundo em três oportunidades: 1958, 1962 e 1970. Em 1958 e 1962 o escrete contava, também, com as presenças de Didi e Garrincha entre os campeões. O “divino crioulo” alcançaria, ainda, uma marca histórica, única, e para muitos insuperável: os mil gols²⁰. Ao final de sua carreira, Pelé contabilizou a marca oficial de 1.281 (mil, duzentos e oitenta e um) gols, uma marca inédita até os nossos dias. Este feito foi a consagração individual do craque, mas também do futebol brasileiro.

Nelson Rodrigues tinha verdadeira admiração pelos craques do escrete brasileiro, sobretudo Didi, Pelé e Garrincha. Coincidência ou não, os três não eram brancos. Eram legítimos representantes do povo brasileiro. Símbolos da mistura de raças e provas cabais do talento inerente ao jogador brasileiro e, por extensão, ao homem brasileiro.

Assim como a cusparada, a camisa e o riso, os craques também transcendem, nas crônicas rodrigueanas, a condição de simples homens e jogadores. Didi, Garrincha e Pelé são dotados de capacidades excepcionais. São gênios que estão acima da miserável condição humana. Nelson confere a Didi atributos da realeza, uma dignidade de rei. Garrincha constitui a exceção à regra, está acima do bem e do mal, pois não precisa pensar, uma vez que age por puro instinto. Pelé, por sua vez, assim como Didi, também possui características de rei, pois tem plena consciência das próprias qualidades e faz uso delas. Além disso, Pelé é um craque próximo ao herói, aquele que vence as dificuldades sozinho. Todos os três possuem um talento nato que colocam a serviço da pátria e contra o qual não há o que ser feito, pois estão acima dos outros mortais e, portanto, predestinados ao sucesso.

²⁰ Recentemente o jogador Romário, do Vasco da Gama, alcançou a marca de mil gols feitos na carreira. Porém, há uma polêmica sobre esse número, pois o próprio jogador responsabilizou-se pela contagem dos tentos, sendo que alguns destes gols foram marcados quando o atleta ainda não era jogador profissional.

3.3 Identidade nacional

A identidade nacional é um tema bastante controverso e, até mesmo, inconcluso, especialmente em termos acadêmicos. Não pretendemos, aqui, teorizar sobre esta problemática, já que se trata de algo ainda indefinido e bastante abstrato.

Entenderemos neste capítulo identidade nacional como sendo a representação de determinados traços comuns – sejam culturais, psíquicos, políticos, históricos, econômicos – que refletem o modo de ser de uma parcela significativa de um povo localizado num território geograficamente demarcado, especificamente o povo brasileiro.

O Brasil sofreu alguns reveses ao longo da segunda metade do século XX, especialmente na política e no futebol. A Copa do Mundo de futebol, competição organizada a cada quatro anos desde 1930, foi interrompida nos anos de 1942 e 1946 em virtude da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No ano de 1950, após o término do conflito, a Europa passava por uma reestruturação política e econômica. Como o velho continente não apresentava condições para receber uma competição deste porte, o Brasil foi o escolhido para sediar o torneio de seleções. Para isto foi construído, no Rio de Janeiro, o Estádio Maracanã, que seria o palco da grande final, abrigando quase duzentas mil pessoas. Era o maior estádio do mundo até então. Um orgulho para a nação.

A população estava eufórica com um acontecimento desta magnitude sendo realizado em solo brasileiro. Além do mais, a Seleção Brasileira contava com bons jogadores, como o craque Zizinho, e era apontada como uma das favoritas à conquista do título. Ao final da competição, no entanto, a euforia transformou-se em decepção total. Isto porque o Brasil foi derrotado de virada pelo Uruguai quando necessitava apenas de um empate para ficar com a taça.

Em 1954, o presidente Getúlio Vargas suicidou-se, deixando pasma a nação. No mesmo ano, a Seleção Brasileira foi novamente derrotada na Copa do Mundo. Desta vez frente à Hungria, que acabou a competição em segundo lugar.

Esta série de fracassos consecutivos gerou desconfiança entre torcedores, cronistas esportivos e entre os próprios jogadores acerca da capacidade do jogador brasileiro. Éramos bons, mas não conseguíamos ganhar! Por quê?

Neste momento passou-se a especular possíveis causas para as seguidas derrotas do escrete. Analistas esportivos, sociólogos e outros intelectuais da época concluíram que o problema era a mistura de raças que ocorreu após a colonização. Nelson, entretanto, uma das poucas vozes discordantes, atentou para outro aspecto: o complexo de vira-latas.

Quando mais uma Copa se avizinhava, Nelson Rodrigues resolveu posicionar-se contra as opiniões vigentes e apostar no escrete. Às vésperas da Copa do Mundo de 1958, o cronista insistiu em sua argumentação de que o problema do selecionado brasileiro era emocional, e não técnico.

Mas vejamos: - o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: - eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: - sou de um patriotismo inatural e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: - não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: - “O que vem a ser isso?”. Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão (p. 52).

Nelson caracteriza “o brasileiro” em suas crônicas. Esta, contudo, é uma generalização perigosa, já que o Brasil é um país de proporções continentais que reúne diversas etnias, diversas culturas que

são heterogêneas entre si. Por não haver, no Brasil, um campeonato de clubes em âmbito nacional antes de 1971, as análises do cronista ficam restritas a apenas poucas equipes do eixo RJ-SP, das quais se destacavam à época Botafogo e Santos, que formavam a base da Seleção Brasileira. No Rio Grande do Sul, por exemplo, as equipes e os jogadores aproximam-se mais às características do futebol uruguaio e argentino, que possuem um estilo de jogar onde há maior contato físico entre os atletas e no qual a bola é disputada com maior rispidez e bravura. E isto reflete na maneira como os gaúchos, de um modo geral, – que não são outra coisa senão que brasileiros, cabe lembrar – encaram os obstáculos que a eles se impõem na vida.

Para Nelson, os torcedores sabiam da superioridade técnica da nossa seleção, mas por terem baixa auto-estima deixavam-se abater por pensamentos negativos e aparentavam uma humildade exagerada e indevida.

Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: - “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: - não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado? (p. 51).

O brasileiro teria como característica uma alegria inata, um jeito ameno de ser. Porém os fracassos anteriores teriam sido por este introjetados. Só uma vitória traria de volta a confiança e elevaria a auto-estima da nação.

Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaio, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um score tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: - “extraiu” de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: - é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: - o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: - se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, reventaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício (Idem, ibidem).

Nelson reclamava um psicanalista que cuidasse das questões relacionadas à alma dos jogadores brasileiros. O cronista não tinha dúvida quanto à qualidade individual superior dos atletas brasileiros frente aos craques de outras seleções. A diferença residia na forma como os brasileiros se portavam em campo em relação aos adversários. Os brasileiros teriam uma humildade inexplicável que os impedia de pôr em prática o talento acima da média que possuíam.

Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse “perdemos” e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: - antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente. Repito: - fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas (p. 26).

Para solucionar esta questão, em 1958, foi destacado um psicólogo para acompanhar os craques brasileiros na Suécia. E, coincidência ou não, voltamos de lá campeões do mundo de futebol pela primeira vez.

A Seleção Brasileira teria a capacidade de transfigurar, com suas vitórias, o ânimo do povo e sua visão perante o resto do mundo. A vitória do escrete representaria a superioridade do brasileiro e ultrapassaria os limites estritamente esportivos.

Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. Os simples, os bobos, os tapados não de querer sufocar a vitória nos seus limites estritamente esportivos. Ilusão! Os 5x2, lá fora, contra tudo e contra todos, são um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: é chato ser brasileiro! Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional (p. 60).

Mais adiante, o cronista critica as posturas racistas que estavam em voga antes da conquista brasileira. Não só não éramos fracos pela mistura de raças que aqui ocorreu, como nossos principais craques e responsáveis pela vitória eram frutos dessa mistura.

E vou mais além: - diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos (p. 61).

O triunfo em solo sueco trouxe uma nova perspectiva ao povo brasileiro, que passou a ter orgulho de sua nacionalidade e de sua formação racial. No Chile, quatro anos depois, o escrete conquistaria o bicampeonato, e com mais uma vitória a confiança, o orgulho e a auto-estima do brasileiro alcançariam níveis elevadíssimos. Para Nelson, o escrete seria a representação da pátria e, por isso, a cada partida da seleção, o povo se reunia para torcer pelo Brasil. A Seleção Brasileira seria um dos fatores determinantes da identidade nacional brasileira. Em torno do escrete havia uma mobilização poucas vezes vista. O sentimento de patriotismo e a satisfação de todos afloravam com as vitórias da seleção.

Mas eu dizia que toda a cidade parou. As nossas madames Bovary, as nossas Anas Karênicas suspenderam seus amores e seus pecados, das três às seis. Os bandidos do Leblon não assaltaram senhoras nem crianças. E o caro Geraldo Mascarenhas, do Banco Mineiro da Produção, deixou de pensar nos títulos que eu já devia ter pago. Ontem ninguém era credor, ninguém era devedor. Éramos apenas brasileiros, da cabeça aos sapatos. No centro da cidade, durante o jogo e depois do jogo, toda a cidade se inundou de papel picado. Chovia tudo das sacadas. Quando Garrincha fez o segundo gol, até papel higiênico foi atirado das janelas altas. Era a vitória, ainda a primeira vitória e apenas a primeira vitória. Mas a nação inteira crispou-se de sonho (p. 127).

Todavia, a cada novo fracasso reaparecia a humildade. O brasileiro carregaria consigo o temor da derrota e, assim, impedia o próprio sucesso. A negação das próprias virtudes seria um traço comum aos brasileiros. O povo oscilava conforme o momento. Nas vitórias despertaria sua alegria incontida,

mas nas derrotas esbanjaria humildade e fraqueza. Dessa forma, o brasileiro constituiria uma raça propensa à instabilidade emocional. E o escrete é, para Nelson, o reflexo do modo de ser do seu povo. Nelson tinha sérias restrições ao modo como a maioria de seus colegas de imprensa se posicionavam em relação ao escrete, negando-lhe as virtudes, e enaltecendo os adversários, sobretudo os ingleses. O cronista via qualidades no time brasileiro até mesmo quando a seleção atuava mal. Nelson contrapunha a cadência de jogo dos craques brasileiros à tecnologia dos europeus, que se valiam do porte físico avantajado e dos recursos advindos do desenvolvimento das técnicas de preparação física. Para Nelson, os europeus possuíam uma “saúde de vaca premiada”, enquanto os brasileiros possuíam uma genialidade inata para jogar futebol. Fazia críticas ao comportamento de determinados jogadores que não revidavam as agressões que sofriam, no entanto não abria mão do jeito moleque de jogar que os craques brasileiros tinham. Como aliar ambos os requisitos para a vitória sem anular o talento dos nossos craques através do embrutecimento era o dilema de Nelson Rodrigues. O cronista ficou revoltado pela forma como o Brasil foi derrotado na Copa de 1966, na Inglaterra, vencida pelos anfitriões. Pelé saiu lesionado na segunda partida devido ao excesso de pancadas que recebeu dos adversários. E o time brasileiro não revidou.

Portanto, não tem sentido que o Brasil vá jogar contra os bárbaros europeus com manto de arminho, sapatos de fivela ou peruca de marquês de Luís XV. Eis a verdade: - o que dá charme, apelo, dramatismo aos clássicos e às peladas é o *foul*. A poesia do futebol está no *foul*. E os jogos que fascinam o povo são os mais truculentos. O Brasil naufragou num mar de contusões por isso mesmo: - porque sabia apanhar e não sabia reagir (p. 133).

Em 1970, todavia, Nelson teria certeza de que o jeito moleque de jogar dos craques brasileiros era imbatível. E que contra o talento brasileiro não há quem possa. Nem mesmo o futebol científico dos soviéticos, nem a truculência dos ingleses, tampouco a “saúde de vaca premiada” dos demais europeus.

Apenas 24 horas nos separam da finalíssima. Quem jogará por nós é o melhor escrete da Copa. Enquanto os outros dão botinadas, o brasileiro faz a arte que os “entendidos” negam e renegam. Vocês devem ter visto, ontem, o *tape* de Inglaterra x Alemanha. O campo era varrido de correrias irracionais. Vale tudo, do gogó para cima. Vinte e dois homens, e mais o juiz e mais os bandeirinhas, e aquela fauna triste de patadas.

Que falso futebol, que antifutebol. Amanhã, sim, o mais belo futebol do mundo jogará contra a Itália. E quando acabar o jogo vocês verão subir o nome do Brasil como um formidável berro em flor (p. 190).

O Brasil venceu a Itália pelo placar de 4 a 1 na final da Copa do Mundo de 1970, no México, sagrando-se tricampeão mundial de futebol e conquistando em definitivo a taça Jules Rimet. Nelson, que sempre acreditou na vitória brasileira, não poupou críticas a setores da imprensa e a alguns torcedores – os “entendidos” – que duvidavam da capacidade do escrete e exaltavam as supostas qualidades européias. O talento nato do brasileiro sobrepôs-se ao europeu novamente.

Mas os “entendidos” juravam que o futebol brasileiro estava atrasado trinta anos. E a famosa velocidade européia? Essa velocidade existia entre eles, e para eles. Mas o Brasil ganhou de todo mundo andando, simplesmente andando. Com a nossa morosidade genial nós enterramos a velocidade burra dos nossos adversários.

(...) O inimigo recebeu de presente, recebeu de graça, o passe e o gol. Ao passo que os gols brasileiros foram obras de arte, irretocáveis, eternas.

(...) Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota (p. 191-93).

O brasileiro, segundo a visão rodrigueana, seria um sujeito instável, que não crê na própria capacidade de superação. O fato de o Brasil ser um país economicamente subdesenvolvido faria com que o brasileiro ostentasse uma humildade extrema e inconveniente frente os desafios, embora tenha um jeito jovial retraído que emerge e infla o ego a cada conquista.

Através do futebol, na figura da Seleção Brasileira, o brasileiro alcança as vitórias e destaca-se mundialmente, superando as nações mais poderosas do mundo (no que diz respeito ao plano socioeconômico). Há uma identificação muito grande entre o povo e o escrete brasileiro. A seleção é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes de uma possível identidade nacional. Ela é capaz de reunir em torno de si milhões de pessoas que buscam os mesmos objetivos: a superação dos obstáculos e o reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o futebol chegou ao Brasil por intermédio de Charles Miller, um membro da elite que regressava da Inglaterra, em 1894. De lá para cá muita coisa mudou tanto no modo de praticar este esporte como no modo de entendê-lo e experienciá-lo. O jogo de bola transformou-se em um evento popular de grandiosas proporções no imaginário e na vida dos brasileiros.

A relativa simplicidade de suas regras, e a facilidade com que se pode praticar o futebol fizeram com que este esporte caísse no gosto popular, transformando-se em uma das experiências mais populares com a qual o Brasil tem-se deparado no último século. Possivelmente porque as tensões sociais brasileiras reaparecem no modo como o futebol se organiza: federações e associações; dirigentes e comissões técnicas; jogadores profissionais e amadores; torcida; imprensa, patrocínio e mercado. Enfim, há o aspecto popular e acessível de se jogar uma pelada em qualquer lugar, bastando o jogador, a bola e um lugar qualquer (praia, rua, calçada, pátio, campo, praça, parque), mas há o esporte como espetáculo de massa. Os estádios onde são realizadas as partidas oficiais são divididos em setores (arquibancadas, cadeiras, camarotes, tribunas de honra) que abarcam todos os segmentos sociais representativos, desde o operário mais humilde ao chefe de estado. E os jogadores podem ser pobres ou ricos, altos ou baixos, negros ou brancos, religiosos ou ateus. O importante é ter intimidade com a pelota.

Outra particularidade verificada em quase todos os esportes, mas principalmente no futebol, por se tratar de um jogo coletivo, é a possibilidade do mais fraco vencer o mais forte. Ou seja, todos têm a possibilidade de experimentar o doce sabor da vitória, mesmo que por alguns instantes apenas. Há, ainda, o vínculo que os torcedores estabelecem com um determinado clube: paixão, intenso sentimento em que ligam suas vidas pessoais à de seu time (esperança de ganhar, medo de perder, sofrimento ao levar um gol, euforia ao fazer um, raiva por ser prejudicado pelo juiz). Além disso, cada um dos torcedores se sente parte de uma coletividade, com quem torce junto, com quem tem assunto para compartilhar.

A crônica esportiva, no Brasil, ainda incipiente nos anos 1930, ganhou destaque concomitantemente ao processo de profissionalização do futebol brasileiro e sua conseqüente popularização. Um gênero tipicamente brasileiro que se foi moldando à medida que o futebol assumiu

feições também brasileiras, tais como a ginga, a molecagem, o drible. Talvez a principal característica da crônica seja exatamente o traço de oralidade, da linguagem simples. Nesse sentido, tanto o futebol brasileiro como a crônica assumiram um estilo subjetivo que os diferencia dos seus pares.

A crônica, por ser veiculada prioritariamente em jornal, estando ao alcance de quase todos, assim como o futebol, constitui-se, portanto, no meio mais apropriado de divulgação e debate deste esporte. Os traços de caracterização do futebol brasileiro (ginga, malandragem, capacidade de improvisação, lances geniais...) estariam também no cronista, que "em uma conversa ao rés do chão" se aproxima do leitor, negaceando, improvisando, mostrando seus achados sobre o cotidiano.

Nelson possui um estilo único, hiperbólico, ora irônico, ora humorístico, que é facilmente identificado em seus textos. E, assim, tal qual o craque brasileiro, o cronista traz para junto de si o torcedor/leitor, conquistando sua atenção e confiança. Invariavelmente verificamos na abertura de suas crônicas um breve comentário sobre algo corriqueiro que em geral não está diretamente ligado à partida que pretende analisar, mas que serve como pano de fundo para a análise a ser feita posteriormente. A expressão "Amigos", dirigindo-se ao leitor logo de início, também é recorrente em suas crônicas e cria um ambiente propício à receptividade do leitor. A crônica, assim como o futebol, poderia ser caracterizada, talvez, como o objeto mais importante dentre os menos importantes em nossa cultura, uma vez que ela é, para muitos, a única forma de contato com o que chamamos de literatura e, também, um meio de expressar nossas inquietações, convicções, virtudes, defeitos. Enfim, a crônica é um meio de refletir quem somos e ao nosso modo.

Assim, os irmãos Rodrigues, Mário e Nelson, foram os maiores incentivadores da crônica esportiva no Brasil e do próprio futebol brasileiro. Nelson usou seu espaço privilegiado no jornal para divulgar e debater questões referentes não só ao futebol, mas também ao ser humano e ao Brasil.

As crônicas reunidas por Ruy Castro no livro *À sombra das chuteiras imortais* perpassam um período extremamente vitorioso do nosso futebol e, através delas, Nelson Rodrigues mostra que o mais importante no futebol é que há o homem e suas inquietações por trás da bola. O drama humano é abordado pelo cronista-dramaturgo de modo muito particular em seus textos, onde elementos banais ganham feições sobrenaturais, homens aparentemente comuns são transformados em reis e heróis, e através de um time verifica-se o caráter de um povo. Uma *cusparada* transfigura-se em elemento metafísico e decisivo de uma partida. Garrincha parece um personagem dionisíaco, pura malícia e humor, capaz de fazer rir até a torcida adversária com seus dribles. Pelé, vestido de trajes reais, é rei

desde os 17 anos... E o futebol passa a ser o espelho em que o brasileiro reconhece sua própria identidade, que vai do complexo de vira-latas ao orgulho de campeão.

Deste modo, o que diferencia Nelson de nossos cronistas atuais é o fato de ele olhar o futebol e seus personagens com os olhos da imaginação, até porque a cegueira o impedia de vê-los normalmente. O estádio era o seu palco e os jogadores, seus personagens. E assim desvendava a alma humana. Hodiernamente vemos cronistas esportivos escondendo-se atrás de uma suposta imparcialidade em busca de uma análise objetiva dos fatos. Ora, não há nada mais irritante do que a imparcialidade quando o que está em jogo é o drama das paixões humanas. Pois o futebol não é outra coisa senão a metáfora da sociedade e da própria vida. Neste aspecto, ninguém soube analisá-lo tão bem quanto Nelson Rodrigues. Parafraseando nosso cronista, se os fatos mostram o contrário daquilo que vemos ou sentimos, “pior para os fatos” (RODRIGUES, 1993, p. 109).

Por fim, amigos, só tenho uma coisa a lhes dizer: leiam Nelson Rodrigues!

REFERENCIAS:

Sobre futebol:

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 209 p.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. 159 p.

DIAS, Celso Osório da Silva. **Olé, olá o Nosso Time tá Botando pra Quebrá: um estudo sobre torcidas organizadas de futebol no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 1991. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991. 276 p.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 343 p.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 133 p.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983. 243 p.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 1993. 106 p.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 93 p.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996. 176 p.

_____. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. 78 p.

BRASIL DE TODAS AS COPAS. São Paulo: Nova Sampa, 1994.

Sobre Nelson Rodrigues:

ANTUNES, Fátima M. R. Ferreira. **“Com brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo, Editora UNESP, 2004. p. 207-76. cap. 3.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 457 p.

FISCHER, Luís Augusto. **Inteligência com dor: Nelson Rodrigues ensaísta**. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. p. 56-137. cap. 2 e 3.

MARQUES, Jose Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003. 212 p.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **João Saldanha & Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Educom, 1976. 174p.

ROBERT, Márcio. **A Menina Sem Estrela: a experiência de Nelson Rodrigues entre a morte e a memória**. Curitiba: UFPR, 2007. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, 2007. p. 8-50. cap. 2.

VOGEL, Daisi Irmgard. **Fábulas do gol: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues**. Florianópolis: UFSC, 1997. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. 100 p.

ZANI, Giuseppe. **Confissões na imprensa: um novo momento da crônica em Nelson Rodrigues**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. 88 p.

Obras do Nelson Rodrigues:

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 197 p.

Sobre Crônica:

CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: CANDIDO, Antônio. et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. **História em cousas miúdas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. p. 9-20.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Dos engenhos de açúcar aos campos de futebol*. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. **História em cousas miúdas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. p. 401-31.

MORAES, Vinicius de. **Para uma menina com uma flor**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966. p. 52-54.

SA, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985. 94 p.

Sobre Literatura:

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 9.ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. p. 23-41. v. 1.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. p. 19-45. cap. II.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Porto: Afrontamento, 1976. 111 p.

JAMESON, Fredric. **Marxismo e forma**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985. p. 53-70.

Sobre História:

ARRUDA, Jose Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História: história geral e história do Brasil**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1996. 408 p.

Sobre Filosofia:

BRUGGER, Walter. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Herder, 1969. p. 269-70.

Internet:

WIKIPEDIA, the free encyclopedia. Disponível em:

<[http://en.wikipedia.org/wiki/Football_\(soccer\)_culture#Famous_sayings](http://en.wikipedia.org/wiki/Football_(soccer)_culture#Famous_sayings)> Acesso em: 18 abril 2007.

NEVES, Milton. Site oficial. Disponível em: <http://miltonneves.uol.com.br/qfl/index.asp?id_qfl=761>
Acesso em: 23 junho 2007.

PELÉ Olé. Disponível em: <<http://pele.m-qp-m.com/portuguese/pele.shtml>> Acesso em: 23 junho 2007.

GLOSSÁRIO RODRIGUEANO²¹

Placar franciscano = escore apertado (1x0, por exemplo);

Vestir as sandálias da humildade = não "mascarar-se" um time que vem ganhando;

Idiotas da objetividade; lorpas, pascácios, bovinos = alguns comentaristas de futebol que só vêem o óbvio, o real, o explícito;

Trote de cavalo inglês, de charrete = passada do jogador elegante;

Hienas, abutres, chacais = comentaristas ou torcedores que não acreditam no nosso escrete, no nosso futebol;

Robinson Crusoe sem radinho de pilha e sem papagaio = alguém (jogador ou torcedor, por exemplo) solitário, abandonado;

Mau tempo de 5º ato de Rigoletto = tempo chuvoso em dia de jogo;

Saúde de vaca premiada = forma física dos europeus (futebol-força), em oposição aos nossos, que "lambem rapadura há dois mil anos" (futebol-arte);

Velocidade burra = velocidade dos europeus, em oposição à "bendita" lentidão dos nossos craques;

Leve como uma sílfide = o jogador ágil e em plena forma física;

Remador de Ben-Hur = jogador esforçado;

Bomba santa = o chute forte de um craque (Rivelino, por exemplo. João Saldanha diz que, com o chute dele, a bola fica igual à de rugby - oval);

Time ungido = time "protegido", abençoado, "inspirado" por uma força divina;

Vitória doce e santa = qualquer vitória do Fluminense, mesmo um injusto ou escasso um a zero;

Sarah Bernhardt em noite de estréia = jogador mascarado;

Baba elástica e bovina = a saliva, o suor no rosto do jogador que dá tudo pela vitória do seu time;

Investir como búfalo de Marajó = partir com raça e vontade para cima do adversário;

²¹ Cf. PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **João Saldanha & Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Educom, 1976. 174p.

Lacraia do Bulevar = torcedor ou cronista traiçoeiro, que gosta de ver o fracasso de um time.